

Capa e Batina



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

Editorial

A ASSOCIAÇÃO E EU

Já me falavam dela há muito tempo. Uma boa amiga, em particular, fazia-o com insistência. "Porque não apareces? Porque não te juntas a nós? O convívio é óptimo e tu até reúnes condições para te associar!" Por uma ou outra razão, mas sobretudo por uma inércia que, agora, já não consigo entender, ia sempre deixando para trás essa iniciativa.

Até que um dia se conjugaram duas felizes circunstâncias: a minha vontade de visitar a Expo 2000 em Hannover e a informação que essa minha amiga me transmitiu: a Associação estava a organizar uma viagem à Alemanha que, para além de visitar a Expo 2000, incluía ainda uma estadia em Berlim. Como me movimento na área da Filologia Germânica e me anima especial apreço pela Alemanha e pela sua gente, fiquei bastante motivada. E o toque final deu-o o meu marido: "Eu também reúno as tais condições e gostava de alinhar. Portanto, vamos a isso."

E fomos mesmo. O meu primeiro contacto com a Associação foi na Sede, para participar como convidada na reunião preparatória da viagem. Conhecidos eram poucos. Simpáticos eram todos. Respirava-se Coimbra. E tudo o que eu julgava já ter esquecido "daqueles meus tempos" voltou-me à memória com uma nitidez que eu não imaginava possível.

Seguiu-se a viagem, que foi um êxito. A organização excelente e sem falhas e os companheiros que confirmaram a simpatia e se foram transformando em amigos foram determinantes na minha decisão de aderir a tão agradável círculo. Fui proposta e aceitei como associada, e o meu marido também. Os jantares da Valenciana encarregavam-se, com periodicidade, de manter acesa a sagrada chama coimbrã e de unir os marcos mais importantes das principais actividades do ano.

Desde então, aconteceu o Peru e Bolívia, a Escócia e Islândia, a Austrália e Nova Zelândia, os passeios de Primavera e de Outono, o Chá dos Reis, as Festas dos Santos Populares e tantas outras actividades de menor dimensão, que não de menos intensidade.

E como se não estivesse já suficientemente embrenhada na vida da Associação, fui distinguida com o honroso convite para integrar a actual equipa da Direcção. Tenho dado e continuarei a dar tudo para merecer tal distinção, servindo a Associação o melhor que posso e sei.

Hoje, a Associação faz parte da minha vida. E é meu firme propósito assim continuar. Apelo aos colegas para que permaneçamos unidos, para que essa unidade prossiga e melhore, perpetuando o espírito coimbrão que, afortunadamente, nos marcou de forma indelével.

As melhores saudações académicas e, pela nossa Associação, aquele éfe-erre-á da

Maria Isabel Soares da Costa

XII ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO – TOMADA DE POSSE DOS NOVOS ÓRGÃOS SOCIAIS

6 de Março de 2004.

Se todas as festas de Aniversário da Associação constituem para todos nós momentos muito gratos, o deste ano teve um sabor especial talvez, quem sabe, por ter tido lugar, o que nem sempre acontece, no verdadeiro dia do aniversário.

Na sala alegre, com mesas sobriamente floridas, todos se acomodaram a seu bel-prazer, sem lugares previamente marcados. O almoço foi bem servido e o convívio animado como é habitual. Finda a refeição seguimos para o Auditório, onde se iria realizar o programa traçado.

Em primeiro lugar, procedeu-se à cerimónia da tomada de posse dos novos Órgãos Sociais, dada pelo Presidente da Mesa da Assembleia-Geral. Deram-se as boas vindas a quem entrou de novo e louvou-se o trabalho de quem saiu (apenas a Maria Antónia por razões de saúde). Era visível a alegria e a boa disposição da mesa empossada onde uma troca de "piropos" entre os Presidentes da Direcção e da Assembleia Geral desencadeou o riso da assistência. O Presidente Almeida Santos mima a Presidente Fátima Lencastre com o título de "ditadora" ao que esta, fingindo-se zangada, responde com graça recordando outros mimos anteriores. Por mim, aproveito a ocasião para deixar um recado: Força, Fátima! Timoneiro de pulso fraco não serve para guiar o leme! Continua com o teu sorriso sereno e com a tua luva branca. Estamos contigo. Agradecemos o que já fizeste pela Associação e esperamos mais e mais, e olha que a minha voz não é única!

Desfeita a mesa (grande desconsideração!) os senhores desceram à plateia e deixaram a senhora a arrumar mesa e cadeiras, apenas um cavalheiro a ajudou. Ai rapazinhos... que isso não se faz!

Começa então o Sarau. A abri-lo o *Rancho Etnográfico da Região de Coimbra*. Que maravilha! Com que garra aquelas mãos tocavam o cavaquinho e as violas! De olhos fechados imaginar-se-ia que a orquestra tinha mais instrumentos como um contra-baixo, vulgo rabeça. Mas nada disso. Só mestria!

Do que contaram e cantaram, desde o ternurento milagre daquele António que não se sabe se é de lá se de cá, mas que é de lá e cá e de todo o lado, às canções brejeiras dos cantadores ao desafio; da

evocação da romaria do Senhor da Serra, em Semide, com os seus ameaços de uma "traulitada"; à reconstituição de trajes e costumes, tudo foi óptimo!

Nós, os que sempre vivemos em Coimbra, pudemos reconhecer ainda alguns daqueles tipos populares. Um deles era o da lavadeira que todas as 2ª feiras vinha às nossas casas entregar a trouxa de roupa lavada no Ceira ou no Mondego e corada nas suas margens. A profissão estava tão institucionalizada que até se dizia que o "Mata Frades", do alto da sua coluna, de pena e papel em punho, cumpria ali a dura missão de assinalar no rol o número de lavadeiras que atravessavam o Largo da Portagem. Mas não só a lavadeira era reconhecida mas também o cântaro de folha do leiteiro, o cesto das galinhas, o assado, etc., etc. Confesso que me comovi e vi o mesmo noutros olhos...

Saíram do palco cantando as "Fogueiras de S. João" no que eram acompanhados pela assistência que batia palmas a compasso.

Seguiu-se a exibição dos "*Madre Christo*".

Com a graça espontânea que o caracteriza, o nosso António Ribeiro faz a apresentação, deixa recados que... não são para divulgar, faz oferta de serviços... o nosso magnífico Tesoureiro que se cuide e faça por liquidar o que deve!!!

Com que subtilidade ele ofereceu os serviços daquele grupo de "renome internacional" para apoiar a candidatura à Presidência da República de qualquer antigo primeiro ministro ou até de qualquer antigo Presidente da Assembleia da República que eventualmente se encontrasse entre nós...

Quanto aos artistas, devidamente apresentados, um realce para os mais novos. Uma ternura. Afonso, o jovem flautista, as duas lindas meninas agitando, com atenção, as suas pandeiretas. A mais pequenina às vezes parava mas não deixava de se requebrar a compasso. O nome do instrumento que o pequeno Ribeirinho, fazendo jus à paternidade, agitava, marcando impecavelmente o ritmo, eu não sei. Só sei que está ali um músico cheio de potencialidade. Quanto ao pequeno músico que se apresentou em cena agarrado a um cavaquinho quase maior que ele, em breve abandonou para percorrer o palco de gatas, interrompendo de vez em quando a excursão

para dar uma cabriolas, também elas a compasso de música. Até o bebé, que às tantas a mãe sentou no chão, se maneava ao ritmo. Não há palavras para exprimir o que vimos.

Madre Christo: sois um encanto!

Finalmente, a Serenata Monumental brilhantemente executada por todos os participantes, tendo o Colega Almeida Santos brindado a Associação com a estreia absoluta de um novo dos seus fados.

Depois a "Balada de Coimbra" tocada como só o "Porta Férrea" o sabe fazer.

Ainda houve depois a merenda em que se cantaram os parabéns à Associação e aos aniversariantes de Março e se conviveu com os artistas que brilharam no Sarau.

Estão de parabéns todos os artistas. Está de parabéns a Associação. Estamos de parabéns todos nós pelos belos momentos que nos foi dado viver.

Maria Olga Reis



Os Madre Christo



Os parabéns

ÓRGÃOS SOCIAIS PARA O TRIÉNIO 2004/2006

DIRECÇÃO

Maria de Fátima Lencastre
 Alcindo Augusto Costa
 António Simão Toscano
 António Manuel Fernandes Ribeiro
 José Marcelino de Sousa Moura
 Maria Isabel Martins Alexandre
 Maria Isabel Soares Costa

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

António de Almeida Santos
 Francisco Chichorro Rodrigues
 Germano Nunes Gouveia
 José Lima Lobo

CONSELHO FISCAL

Joaquim Oliveira Martins
 Jorge Manuel Fernandes Nunes
 José Manuel Matos Costa

ERRATAS

O nosso **Capa & Batina nº 22** saiu com alguns erros, seguem-se as correcções devidas:

➤ **Os Nossos Poetas** (página 21)

O poema da Maria Olga Reis saiu com o título "*gCoimbra – Um Soneto*", onde deveria estar escrito: "**IGNOTO DEO MEO** (ou "**PADRE NOSSO**")";

também em:

➤ **Os Nossos Passeios** (páginas 12 e 13)

CÁ DENTRO

I – PASSEIO DO OUTONO – COIMBRA, RIA DE AVEIRO E ÍLHAVO

"Dia 19", na 4ª linha lê-se: "... onde no testamento da Condessa Mermadona Dias...", onde deveria estar: "... onde no testamento da Condessa Mumadona Dias..."

TERTÚLIAS ACADÉMICAS

1. JORNALISMO EM FOCO 8 de Março de 2004

Jornalistas: o sonho e a realidade

Os jornalistas exercem uma das mais fascinantes profissões do mundo. Mas, como ocorre com qualquer ser humano, podem exercê-la de modo justo ou injusto, com maior ou menor seriedade, com boa ou má qualidade e, questão não menos essencial, com muita ou escassa liberdade.

Vivem, hoje, os jornalistas portugueses, tempos sombrios. A mítica profissão, ansiada por milhares e milhares de jovens, é, para muitos deles, um doloroso itinerário de desilusões e frustrações. Há numerosos cursos superiores de comunicação, mas o mercado é excessivamente limitado para os milhares de estudantes que sonham com uma carreira no jornalismo. São poucos os que conseguem entrar nas Redacções, onde enfrentam um ambiente cada vez mais competitivo e sem a presença – leia-se experiência e memória – dos veteranos, incómodos e caros, conforme os critérios da generalidade das administrações.. São, aliás, bem visíveis, as consequências de uma informação cada vez mais pautada por critérios de tiragem, venda ou rentabilidade.

A situação não melhora quando ocorre a intromissão política. Acontece quando o poder lida mal com a informação e tenta, por diferentes meios, o seu controlo ou condicionamento. Os mais recentes acontecimentos – nomeadamente, o fim da crónica semanal de Baptista-Bastos na TSF, a saída de Marcelo Rebelo de Sousa da TVI, as mudanças de Direcção no DN e na RTP e a tentativa de criação de uma central de informação em S. Bento - são factores de perturbação numa actividade que se pretende livre e responsável.

Com tudo isto sofrem os jornalistas, sofrem as regras e valores da profissão, sofrem os Conselhos de Redacção – defendidos na Constituição mas a caminho da extinção – e sofre o direito dos cidadãos a uma informação mais isenta, mais rigorosa e mais plural. Dos jornalistas que dispõem de maior liberdade, sabe-se que nem sempre a exercem com a necessária responsabilidade. A preocupação do "furo" jornalístico e da ascensão meteórica na carreira, aliados à despreocupação com a ética profissional, explicam – que não justificam – a condenável intromissão na vida privada dos cidadãos, com danos muitas vezes irreparáveis na reputação de gente inocente ou desprotegida.

Felizmente o contrário também ocorre, e o jornalismo surge como ofício nobre e vital, quando denuncia injustiças, atropelos, indignidades ou quando dá conta dos casos e histórias que contribuem para uma vida mais justa e mais solidária da comunidade. Os jornalistas são pessoas como as demais. Têm sonhos, ideias, crenças. Criam família, assumem encargos, não vivem em torres isoladas. Quando são sérios e conscientes da sua humana natureza, suportam ou convivem melhor com as pressões e condicionamentos permanentes ao seu trabalho. E temos, há que frisá-lo, em Portugal, jornalistas de imensa qualidade – humana e profissional – jornalistas que honram a sua classe e que são, nestes tempos mais turvos, bons exemplos para os camaradas mais novos.



Parte de uma assistência interessada

Eugénio Alves

(Presidente do Clube de Jornalistas)

2. SOBRE LUSOFONIA: O QUE A LÍNGUA NÃO É 5 de Maio de 2004

Em mais uma palração na Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, no meio da frescura de um público com ar bem disposto, o tema desta vez foi a língua e alguns equívocos sobre o que ela não é. Pedem-me de novo um resumo. Ai vai ele, mas a seco, sem as piadas que, num texto curto, ficam reduzidas a um leve sorriso, se isso mesmo conseguem:

É tão bela aquela frase de Vergílio Ferreira dirigindo-se a centro-europeus na Europália, que teve lugar na

Bélgica: "Da minha língua vê-se o mar". E quem não tem ouvido, *ad nauseam*, glosas em série à decantada frase de Bernardo Soares "A minha pátria é a língua portuguesa"? Tem gerado ao longo dos anos uma ladainha colectiva e eufórica de loas a esta língua de Camões e Pessoa, de Eça e de Saramago, em coro cantada pelas sete partilhas dos sete países da comunidade lusófona, (embora quase todas em Portugal e por portugueses), a que muitos, distraidamente quase, chamam lusíada e a que ainda há pouco, num banho colectivo de emoção, juntaram um oitavo, tão lá longe que nem dá para se ouvir que praticamente não fala português.

Língua de várias pátrias, dela se diz ser maleável e fraterna, com especial apetência para a comunicação mas, além disso, também adequada à expressão de outros domínios, exactamente por ser ainda uma língua de ciência, de técnica e de arte.

Língua de poesia e de poetas, disse-o e explicou-o Teixeira de Pascoais em *A Arte de Ser Português*, e na sua explicação deixou contida a própria prova. Linhas nítidas de fronteira entre os discursos racional, empírico, lógico e o literário, poético e utópico são frequentemente inexistentes, razão por que a bem-achada frase de Vergílio Ferreira, que da sua Beira nunca viu o mar (nem sequer do seu apartamento nas avenidas novas), seja facilmente recitada à letra, despida do seu valor metafórico e integrada em registos discursivos que oscilam em vaivém constante entre uns e outros, sem darem sinal da diferença, numa espécie de delírio pós-moderno onde todas as barreiras se diluem e todo o texto é real e todo o real é texto.

A língua é mais um espelho, ou um reflexo do que colectivamente somos, do que o inverso. Noutras palavras, não somos o que somos por causa da língua, e a nossa língua não é melhor do que as outras naquilo em que formos melhores do que os outros. Os brasileiros desengravataaram o português (como diria Vinícius de Moraes) e a língua que tinham era a nossa, barroca, dos séculos XVII e XVIII. Os americanos arregaçaram as mangas ao inglês e vestiram-lhe jeans.

A língua portuguesa não é mais ou menos fraterna do que as demais, nem mais ou menos dominadora ou dialogante que as suas congéneres pelo facto de estarmos hoje à solta ou, pelo menos, mais descontraídos e mais em contacto com o resto do mundo. Quem negará todavia que, após o 25 de Abril, a língua portuguesa se libertou porque os portugueses se libertaram de amarras diversas? Basta compará-la com a que se escrevia nos jornais e se falava na rádio e TV dos tempos idos do PREC.

Foi isso que Mia Couto captou maravilhosamente ao parafrasear Bernardo Soares: "A minha pátria é a minha língua portuguesa." No caso dele, é o português de Moçambique. Noutros, será o do Brasil, de Cabo Verde, ou dos Açores. Uma língua plural como os seus falantes, que tanto podem ser conservadores, como comunistas, ou liberais. Que foram monárquicos e inquisidores, comerciantes e missionários, e descobridores e traficantes de escravos, colonialistas e aventureiros. A língua deles foi registando tudo isso e daí que hoje procuremos limpá-la, arejá-la, modernizá-la. Mas isso só acontece porque estamos a tentar fazer o mesmo à própria cultura que ela expressa e que nós vivemos.

Poderemos falar talvez de uma *Prison House of Language*, como quer Frederic Jameson, contudo melhor seria talvez expressarmo-nos diferentemente. A língua permite-nos reconhecer *networks of contact*, e estabelecer um diálogo convivencial entre as pessoas que nesses circuitos de contactos circulam e se entrecruzam. Abrem-se pois vias à conversação, à cooperação e ao diálogo, se a tanto estiverem dispostos os seus falantes. Sobretudo se estiverem dispostos a esquecer os maus momentos em que o oposto aconteceu, preferindo concentrarem-se nos elementos positivos do passado comum e, particularmente, nas possibilidades futuras. Porque, ao fim e ao cabo, se em teoria certos desmandos filosóficos sobre a capacidades das línguas são indefensáveis, na prática nós estamos de algum modo condicionados, e à partida entroncados, numa rede de falantes. Seria suicida concluirmos que mais vale aprender as línguas de mundos maiores e esquecer a nossa por limitadora.

Fará perfeito sentido servirmo-nos do condicionamento histórico proporcionado por caminhos que se radicam num passado longínquo, como o Brasil ou, mais perto, como Angola ou Moçambique, para o transformarmos em potencial criador. Mas isso requer que esqueçamos anacrónicos triunfalismos e encaremos com realismo os contextos e as realidades actuais. Se aqui e ali subsistem ainda laivos de ufanismo imperial, talvez seja porque ainda não nos libertámos completamente de tal espectro. De qualquer modo convém não culpar a língua das mazelas que ainda colectivamente trazemos escondidas na algibeira. Ou no subconsciente. A língua que falamos apenas as reflecte, deixa-as transparecer à vista desarmada, não foi ela que as criou. Retém-nas simplesmente, quando os seus falantes teimam em retê-las.

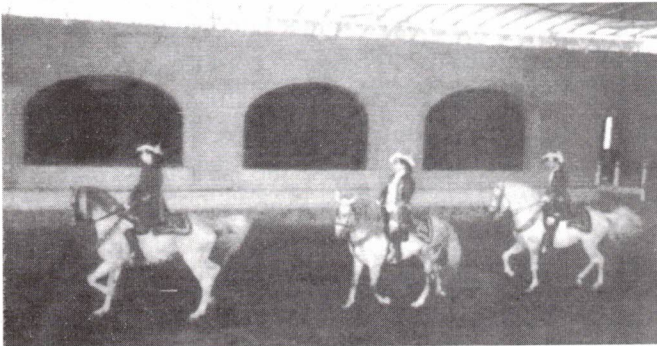
Onésimo Teotónio Almeida

FESTA DOS SANTOS POPULARES

DIA 26 DE JUNHO NO CENTRO EQUESTRE DA LEZÍRIA GRANDE

Como sempre acontece quando é organizado um Convívio da nossa Associação, reunimo-nos junto da Reitoria da Cidade Universitária, no dia 26 de Junho (um sábado) e, pelas 11,30 horas, um autocarro de 50 pessoas seguido por dois carros particulares rumaram em direcção a Vila Franca de Xira, mais exactamente ao Centro Equestre da Lezíria Grande, onde iria ter lugar, segundo dizia o programa, uma animada festa dos Santos Populares.

À chegada e sob um sol abrasador, fomos recebidos por cavaleiros vestidos a preceito que se apressaram a indicar-nos o recinto dos aperitivos. Depois de saciado um pouco o apetite que os ares campestres sempre despertam, passámos para um picadeiro coberto, onde à sombra e com uma brisa fresca a suavizar um pouco o calor do dia, tivemos oportunidade de assistir a uma Gala Equestre. Durante 45 minutos, apreciámos o bailar dos cavalos que, magnificamente treinados, nos deliciaram com a sua elegância e, a finalizar, realizaram vários exercícios de destreza.



Momento da Gala Equestre

Em seguida, teve início o almoço constituído por sopa de peixe com coentros, lulas à Ribatejana, novilho à Campino e as indispensáveis sobremesas que são o pecado dos mais gulosos.

O programa indicava para o fim do almoço um Concurso de Quadras Populares em que o mote era o EURO 2004 e os Santos Populares, como não podia deixar de ser. Verificou-se uma grande participação e o júri teve uma árdua tarefa para decidir quem eram os vencedores (dada a grande valia das quadras apresentadas), tendo estado reunido durante um longo período de tempo.

Enquanto decorria a apreciação das quadras postas a concurso, tentou-se passar o tempo com diversas manifestações "artísticas", mas que não tiveram grande êxito, talvez devido a uma certa indolência que atacou todos os colegas, por causa da elevadíssima temperatura deste dia do fim de Junho.

Finalmente, o júri chegou a um consenso e os resultados do concurso foram os seguintes:

1º Prémio

*Oh meus Santos Populares
Um pedido especial
Que neste 2004
Ganhe mesmo Portugal*

"Uma das Mártires"

2º Prémio

*Euro? Cristiano e Figo
Santos? António e João
Amores? Desculpem, não digo
Amigos? Na Associação*

"Sócio Vaidoso"

3º Prémio

*No Euro 2004
Nós seremos campeões
À conta de Santo António
E das minhas orações*

Teresa Leónidas

Depois da entrega dos prémios, viemos para o exterior, para assistirmos à prevista animação na arena que incluía uma "garraizada". Mas os nossos colegas não estiveram pelos ajustes de saltar para a arena e o "bezerrito" que os aguardava, lá se ficou mansamente a olhar o público, certamente com pena de não ser desafiado para uma grande "faena".

E no final da tarde regressámos a Lisboa, com uma certa mágoa por esta Festa não ter tido um "cheirinho" um pouco mais forte a Santos Populares.

Até para o ano!



Entrega dos Prémios das quadras

Isabel Soares da Costa

OS NOSSOS PASSEIOS

Lá Fora

I - FIM-DE-ANO EM TORREMOLINOS

de 28Dez2003 a 2Jan2004

A partida foi no dia 28 (e éramos 126), domingo, como habitualmente de junto da Reitoria da Universidade. Toda a gente foi pontual, não houve problemas e o "arranque" foi impecável, demonstrando, mais uma vez, a grande categoria organizativa da nossa Presidente que, mais uma vez, mostrou ser "aquela máquina". Até lá convenceu o S. Pedro que nos presenteou com um dia óptimo para a viagem.

A paragem para o almoço foi em **Sevilha**. Até lá tudo bem não se tendo esquecido, evidentemente, um "momento cultural" em que foi feita a história da origem do Euro, com histórias contadas pela colega – Presidente Fátima em que intervinham baldes e esfregonas.

Em Sevilha, além do almoço para que cada um escolheu o seu cantinho, ainda houve tempo para visitar a Catedral. Partida da bonita praça Afonso XIII.

A etapa de Sevilha a Torremolinos é que foi mais complicada porque o motorista devia ter pensado que o que se tratava era de dar a volta a Espanha e fez mais, só, 150 Km do que o necessário; ainda por cima à chegada não havia meio de dar com o hotel. Conclusão: chegámos às 22:30h sendo o jantar algo atribulado, com pessoal algo chateado por nos estar a aturar àquelas horas.

Para o fim da viagem e para levantar os ânimos o colega Paquim entrou em acção com canções e anedotas e deu mais um contributo, valiosíssimo, à razão de ser da origem do Euro (freguês que não querendo pagar o almoço e tendo sido, os bolsos, virados do avesso apenas deixou cair a "moeda única".)

No dia 29, de manhã, fomos a **Mijas**. Dia lindo, mas frio. Estrada a subir, com muitas curvas e uma paisagem maravilhosa. Mijas está situada no alto da encosta, virada para o mar e a costa; agradavelmente arrumada, limpa e muito comercializada. Ruinhas estreitas, de casas certinhas mas muito bonitas, comércio porta sim porta sim, tudo pintado de branco, pelo que é conhecida pela Cidade Branca. Dos vários motivos de interesse, existentes, lembro a

pequenina igreja de S. Sebastião, a curiosa igreja da N^a S^a da Penha numa saliência rochosa, chamada "Rochedo" que se projecta no ar em busca de uma ainda melhor vista, do que a já existente em redor; a "Muralha" onde se pôde apreciar um presépio lindíssimo e, perto a curiosa Praça de Touros, oval. Nesta zona ainda se pode ver a igreja paroquial da Imaculada Conceição e frescos de 1632. Lembro ainda o Museu do Azeite pelo pormenor e perfeição notáveis das pequenas peças. Pelo meio da visita teve de haver tempo para comprar das variadas e importantes futilidades oferecidas à vista no variado e curioso comércio.

De salientar a solução apresentada por Mijas para a futura crise do petróleo com a proposta dos garridos burros táxis.

De regresso ao Hotel o motorista, mais uma vez, desafiando a nossa paciência nos brindou com uma série de voltas e reviravoltas, antes que desse com o dito.

O almoço foi no Hotel e, para a tarde, por proposta da Presidente e após aceitação geral, assentou-se num programa que seria ir para **Málaga**, onde se estaria cerca de 2 horas, de onde se regressaria às 18 horas para Torremolinos, onde cada um jantaria, por sua conta e risco, e onde o autocarro nos iria buscar pelas 21h 30mn de regresso ao Pinar.

As duas horas em Málaga como é de calcular não deram para muito. Deram, contudo, para ver que é uma cidade muito bonita, moderna, cheia de luzes e espaços verdes, com edifícios de avançada arquitectura e com uma avenida principal espectacular onde, por acaso funcionava nessa altura uma feira com imensas lojinhas dispostas ao longo dela.

O tempo disponível foi utilizado, em grande parte, para visitar a Catedral que, por sinal, andava em obras. A impressão principal e geral, que nos ficou, foi a da sua enorme riqueza. Saliento, apenas, por me parecer que a todos impressionou especialmente, o quadro que representa a degolação de S. Paulo. Houve ainda tempo, e felizmente, para ver a Manquita, igreja junto da Catedral, lindíssima, inacabada por falta de uma torre e que é, talvez, o motivo de maior orgulho artístico dos malaganhos.

Ao fim da tarde foi-se para Torremolinos onde tomámos, então, um contacto mais próximo com a terra e onde chegámos já de noite. Terra profusamente iluminada com ruas cheias de comércio e movimento.

O regresso ao Hotel foi pontual e o motorista, coisa espantosa, acertou com ele à primeira o que lhe mereceu uma valente salva de palmas da geral (as más línguas dizem que foi por ele ter ido atrás de um dos outros autocarros).

No dia 30 visitou-se **Ronda**.

Depois de uma viagem com um percurso lindíssimo, chegámos a uma cidade espantosa. Ronda, situada no bordo de um precipício profundo e estreito (o Tajo, com 700 metros de comprimento e 170 de profundidade) tem um aspecto extraordinário, irrealista (de bom sonho ou pesadelo?); só visto.

As origens históricas de Ronda remontam aos Celtas que aí teriam chegado no século VI a.C. e que a denominaram Arunda.

Após os Celtas por aí passaram os Fenícios, os Gregos, os Cartagineses. Estes são por sua vez, expulsos pelos Romanos. É interessante notar, aqui, que o domínio pelos Romanos, também nesta região foi muito dificultado por Viriato, à frente dos Lusitanos e pelas tribos Celtiberas.

Durante a dominação Romana distinguiu-se, particularmente, o general Romano Cipião, chamado "o africano", que se interessou especialmente pela região.

Com as investidas dos Suevos, Vândalos, Alanos e, mais tarde Visigodos, foi destruída e saqueada.

Em 711 inicia-se a invasão árabe com Tariq Bem Ziyad a partir de Gibraltar e em 1212 com a vitória dos reis cristãos na batalha de Navas de Tolosa chega a reconquista cristã à região, mas a conquista definitiva de Ronda aos Mouros só se irá dar em 1485 com o rei Fernando, o Católico.

Para melhor proveito da visita à cidade fomos divididos por 3 grupos, cada um com o seu guia, cujas velocidades eram diferentes o que deu origem, a certa altura, a alguma confusão e mistura entre os grupos; mas tudo acabou por correr bem.

Iniciou-se a visita pela observação desde um gradaemento – miradouro, de um jardim, da vista sobre a ponte, o precipício e a parte da cidade que o rodeia e que é a vista ex-libris da cidade. Em vez de eu, atrevidamente, tentar descrever o que é esse espantoso cenário, faço apelo à memória dos colegas de excursão, onde ele está, sem dúvida, bem gravado. Próximo deste miradouro visitámos a casa de S. João Bosco; do início do século XX, é pertença, actual, dos Salesianos, funcionando como casa de repouso para sacerdotes ou doentes. Tem um pátio lindíssimo onde se podem admirar bonitas cerâmicas regionais azulejos e mobiliário de nogueira artesanal. O seu jardim, primorosamente cuidado, é um camarote sobre a ponte ("Ponte Nova").

A Ponte Nova que foi cadeia para condenados à morte (seria como em Nápoles: ver a paisagem e morrer?), com uma altura 98 metros, foi construída no século XVIII, mas só ficou em pé à segunda

tentativa, pois durante a primeira ruiu matando 50 pessoas.

Seguimos para a Plaza Maior ou Praça da Cidade, larga, grande, de contorno algo irregular; foi a antiga praça de touros. Nessas touradas, os touros, uns 14 ou 15 acabavam por ser mortos à lançada, sendo a sua carne distribuída pela população.

Todo um lado dessa praça é, agora, ocupado pelo imponente edifício do Ayuntamiento, antigo quartel das milícias.

Do outro lado da praça situa-se a igreja de Santa Maria da Encarnação, no lugar de um antigo templo romano e, posteriormente, de uma mesquita, de que conserva, a torre – campanário de estilo mudejar. À esquerda da torre há um curioso pequeno edifício mudejar chamado a Casita da Torre que correspondia a uma capelinha e, do lado direito, encostada à igreja, uma linda casa, com varandas a todo o comprimento de onde a nobreza assistia aos actos públicos e às touradas.

Não foi possível visitar esta igreja mas fica a nota de que foi a primeira, em todo mundo, a ter uma imagem da virgem com a denominação de Rainha da Família.

Em seguida passámos pelo maior edifício da cidade antiga: a casa de Moctezuma. Adquirida pela Fundação Moctezuma, em finais do século XIX, para colégio, mantém, ainda hoje, esta função sendo também a sede da Casa da Música.

Depois do almoço foi o regresso a Torremolinos que quase toda a gente aproveitou para pôr o sono em dia. Nessa noite o jantar foi no casino e depois assistiu-se ao Show.

Este foi especialmente bom na segunda parte que foi inspirada e baseada, essencialmente, na música regional, com o flamenco e o sapateado, este último desempenhado por um artista fora de série.

A qualidade do jantar, a segunda parte do show e, já agora, o facto do regresso ao hotel ter decorrido sem enganos de trajecto... contribuíram para a boa disposição geral ao fim de mais um dia de "trabalho".

O dia 31 foi o da visita a **Gibraltar**.

Viajem e chegada a Gibraltar sem problemas.

La Roca, como dizem os espanhóis, é um rochedo com 712 metros de altura a olhar a África, com um território de 6 x 1,6 km e 29000 habitantes.

Seria uma das colunas de Hércules, sendo a outra, situada em África, Jebel Musa.

Desde sempre, o seu maior valor e causa de lutas foi a sua importância estratégica militar que a fez mudar de mãos várias vezes acabando por ficar inglesa após

o Grande Cerco de 1779 em que os ingleses levaram a melhor sobre espanhóis e franceses. Se se pudesse cortar ao meio talvez se assemelhasse a um queijo com buracos pois alberga no seu interior 70 Km de túneis para fins militares.

Para amenizar o aspecto bélico tem, no entanto, uma reserva natural no topo.

A população considera-se Gibraltenha (inglesa) e ouve-se falar inglês, espanhol e uma mescla. O dinheiro também é uma mescla (libras e euros) e, para matar saudades, tivemos de passar por uma fronteira, à antiga, com todas as formalidades que já vamos esquecendo.

Por razões funcionais e atendendo às preferências foi o grupo dividido em dois; um deles foi visitar a parte alta do rochedo enquanto o outro se ficou pela parte baixa a cidade.

O primeiro grupo, em que havia alguns interessadíssimos em ver macacos, lá subiu e deve ter ficado satisfeito pois, ao que parece, há, agora, por lá, uns 250 exemplares. Na parte alta, além dos macacos e de se desfrutar de uma vista que se alonga até África há a possibilidade de se visitar a gruta de S. Miguel, maravilhosa gruta natural, com estalactites e estalagmites, que foi habitada na antiguidade (neolítico) e que, segundo a crença popular, não tem fundo comunicando com África por um túnel.

O outro grupo (no qual me inclui) ficou-se por baixo, pela cidade, à qual se acede por uns pequenos túneis que fazem parte das portas da Gran Plaza de "Casemates". A cidade é pequena, atravessada por uma rua principal (a "Main Street"), onde se localiza a maior parte do comércio, em grande parte na mão de indianos. Ao fundo desta rua pudemos observar a Catedral Anglicana da Santíssima Trindade com portas e janelas em forma de ferradura árabe. O tempo estava muito bom e o ambiente era interessante com a população dividida entre ingleses, espanhóis, indianos e outros e os motivos de comprar muitos e tentadores.

O almoço do agrado geral teve lugar em La Línea, uma povoação vizinha, no Restaurante Roca – Mar. À noite foi o jantar e o Réveillon no hotel que se encheu de brios e apresentou um jantar de primeira e do agrado geral.

Foi uma passagem de ano especial porque se festejou a passagem de ano na hora portuguesa e na hora espanhola (uma espécie de 2 em 1). O ambiente esteve ótimo e depois houve dança até às tantas com injeção (isto é deformação profissional) de danças espanholas agitadas que devia ser para dar cabo dos "portugueses nascidos há mais tempo", mas enganaram-se, que esteve tudo em forma.

O dia 1 foi destinado a **Torremolinos**, um passeio pela costa e visita a Marbelha.

Manhã livre - que quase todos aproveitaram para ir até Torremolinos para onde nos foi disponibilizado transporte de ida e volta por autocarro do hotel. Deu tempo para passeando ficar a conhecer razoavelmente à Terra e a praia.

Ao fim da manhã foi o regresso e o almoço no hotel. À tarde, com um dia ótimo, de sol e sem frio, foi-se até **Marbelha** tendo-se aproveitado, antes, para dar um passeio ao longo da costa pela estrada marginal. Passou-se por Benalmadena e Fuengirola e apreciou-se todo esse trecho da costa de enorme beleza natural e grande desenvolvimento turístico. A areia das praias é que não é como a nossa, pois é castanha, feia. Por fim, como disse, parámos em Marbelha de que nos ficou uma ideia maravilhosa. Cidade antiga, bem conservada, diferente, portanto, de todas terras vizinhas, viradas forçadamente para e pelo turismo. Foram vários os aspectos que nos ficaram na memória. Recordo, na parte antiga da cidade, a beleza das casas, ruas, pátios, assim como a Plaza de las Naranjas; depois o Museu del Grabado com obras de Miro, Dali e Picasso; a Igreja da Encarnação e, até, um curioso e lindíssimo presépio articulado.

Na parte baixa, ao longo de uma alameda ajardinada que conduz a um bonito jardim, pudemos admirar várias estátuas de Dali.

O jantar foi num bonito restaurante, El Pescado, junto à marina de Puerto Banus.

O dia 2 foi o do regresso a Lisboa.

Partida um bocado complicada por causa do difícil acesso ao hotel, não às 9 h e 30 mn, como estava programada, mas às 10h e 30 mn; mas o dia estava ótimo e as disposições idem. Tomámos, a certa altura a Auto-Pista E-15 que nos levou até Sevilha. Como disse, o tempo estava lindo e a paisagem, com trechos de montanha, no início, era maravilhosa.

A entrada, em Sevilha, foi um tanto infernal por causa do trânsito.

O almoço teve lugar num interessante restaurante típico, o Palácio Andaluz tendo a cozinha agradado a toda a gente, apesar de surgir o inevitável frango, motivo de uma intervenção, que refiro adiante, do colega Paquim.

Além do agrado ambiental e gustativo, o almoço teve, no entanto, outros, assaz notáveis, acontecimentos a registar: festa, discursos de circunstância e momento de arte. A primeira foi ocasionada pelo aniversário do colega Carlos Rocha, com bolo próprio e discursos de parabéns e o de agradecimento

por parte do aniversariante. Os outros discursos foram de cumprimentos trocados entre a nossa Presidente e os elementos do Elos Clube que nos acompanharam nesta viagem. O momento de arte foi-nos proporcionado pelo colega Paquim, que declamou, em honra do frango, o poema "Abalada do Frango". Escusado será dizer que todas estas intervenções foram muito aplaudidas.

Após a entrada nos autocarros, imaginámos que os afamados carteiristas de Sevilha tenham maldito as agruras desta vida, pois ficaram "a ver navios". Este facto suscitou ao colega Paquim a feitura da seguinte quadra que eu, aqui, registo e agradeço:

Lá, em Sevilha, os carteiristas,
Conosco vão ficando frustrados,
Não nos roubando nada, os artistas,
São eles, afinal, os roubados.

Entrou-se em Portugal pelo Algarve e Via do Infante, tendo o resto da viagem, até Lisboa, decorrido o melhor possível.

Que este imperfeito relato contribua para guardar na memória tão maravilhosa viagem.



O aniversariante e o poeta

António Forjaz

II - VIAGEM À AUSTRÁLIA/ /NOVA ZELÂNDIA

de 28 de Março a 19 de Abril 2004

Lá vai uma, lá vão duas, lá vão três... Finalmente, a 28 de Março treze "heróicos" resistentes iniciaram a sua viagem de sonho, a sua viagem de ouro, a viagem das suas vidas!



Lisboa, Londres e paragem em Singapura. **Singapura**, cidade do leão, com 77% da sua população descendente de chinês, é uma cidade bonita, moderna, de edifícios altos, muitos espaços verdes e onde coabitam o asseio e a segurança. No dia de chegada, à noite, demos uma saltada ao Hotel *Raffles* (o nome deve-se a Sir Stamford Raffles da *Companhia das Índias Orientais* britânicas que em 1819 arrendou Singapura ao Sultão de Yohox), para nos seus jardins se tomar uma bebida.



Na manhã do dia seguinte (3º dia) visitámos a cidade com a sua ponte, o bairro chinês, o templo hindu e o Jardim Botânico com as mais variadas espécies de orquídeas.

Do teleférico que nos levou à Ilha de Sentosa, pudemos contemplar uma extraordinária panorâmica sobre o porto e o canal. Na Ilha visitámos o *Museu de Cera* e o *Aquário*, regressando em comboio monocrarril.

Ao 4º dia de viagem partimos para a Austrália, chegando a Sydney após sete horas de voo. Sydney, a maior cidade da Austrália, situada numa baía, tem uma população de 4 milhões de habitantes. Apreciamos a ponte, a famosa Ópera, com a sua cobertura em forma de conchas, o Jardim Botânico, Potts Point, Paddington, The Rocks, Kings Cross e as praias de areia fina, a mais famosa das quais é Bondi, onde o príncipe Carlos de Inglaterra já tomou banho.

Visitámos o *Museu Australiano* (história natural e cultura indígenas), a Catedral de *St. Mary* e a Torre (o observatório mais alto do Hemisfério Sul, com 305 m), que nos ofereceu uma visão soberba sobre a cidade e a baía. Também o cruzeiro na baía nos proporcionou outra bela panorâmica. Na verdade, a baía é linda, com os seus recortes, costas baixas ou falésias e todo o seu enquadramento, os arranha-céus, a ponte, a Torre e a Ópera.

Claro que as compras também não ficaram esquecidas!

Para isso visitámos o *Queen Building*, com belas galerias, uma carruagem de jade, presente nupcial de imperadores chineses e um relógio muito bonito, que às onze horas soou!

E que dizer da actuação da *Companhia de Ballet Australiana* na Ópera?

As bailarinas, autênticas plumas, pareciam gémeas, tão iguais umas às outras! A *Sinfonia C* de Bizet foi magnífica!

A caminho das Blue Mountains (6º dia) fizemos uma paragem para visitar o *Parque Featherdale Wildlife* com 80% das espécies de aves da Austrália (pavões reais brancos, araras negras, pinguins, cangurus, que vinham comer às nossas mãos, Koalas, que passam vinte horas a dormir e que têm que alternar no poiso da árvore onde são fotografados, para lhes evitar o stress, wombats, diabos da Tasmânia, répteis, etc.). A Oeste de Sydney, a cerca de 100 km, surgiram-nos as Blue Mountains, que não são montanhas (têm menos de 1000 m de altitude) e se chamam azuis porque estão plantadas com eucaliptos (há mais de 600 espécies) e o óleo de eucalipto, sob o sol, emite reflexos azuis.

Fizemos uma mini-viagem de comboio por uma descida com 52% de declive. Apenas se viu uma nesga de céu, por entre os penhascos e a folhagem! No final da descida pudemos apreciar uma formação rochosa, chamada "Three Sisters". Seguiu-se um passeio a pé pela floresta, onde encontrámos lianas, fetos altíssimos e árvores com troncos de 1 m de diâmetro. Subimos de teleférico e por último assistimos a uma projecção cinematográfica sobre as Montanhas.

De regresso a Sydney visitámos o Aquário, menos bonito que o de Singapura, mas com uma atracção digna de visita – um ornitorrinco. Para concluirmos a nossa estada em Sydney ainda andámos no monorrel, que na cidade sobrevoa as nossas cabeças!

No 7º dia de viagem visitámos **Melbourne**, a segunda maior cidade da Austrália (com cerca de 3 milhões de habitantes), atravessada pelo rio *Yarra* e situada ao fundo da baía de Port Phillip. É uma cidade-jardim, com muitos espaços verdes, restos de arquitectura Victoriana, muito ampla e extensa.

Da visita à cidade mencionamos a Catedral Anglicana de *S. Paulo*, o Parlamento, o Departamento do Tesouro, o bairro dos Hospitais e Universidades e o Jardim Botânico. A Catedral de *S. Patricio*, a segunda maior catedral neo-gótica do mundo, construída com ofertas dos irlandeses, mereceu a nossa visita pormenorizada. Nela fomos encontrar uma águia de madeira. Terá sido presente de algum benfiquista? De realçar a visita à casa dos pais do Capitão James Cook (1º inglês a chegar à Austrália), comprada em Inglaterra e montada no meio de um parque, aquando da comemoração dos cem anos de Melbourne. Neste mesmo parque visitámos o Conservatório de flores, uma estufa de magníficas tuberosas e, no meio de tanta beleza... a ponte dos *Suspiros*!

Passámos ainda pelo hall do Casino para assistir a um "espectáculo" de música, luz e água. Para terminar o dia e após "diplomáticas" negociações, subimos à *Torre do Rialto*, onde pudemos apreciar um panorama fantástico da cidade.



Estátua do Capitão James Cook

Ao 8º dia voámos até **Alice Springs**, que, com os seus cerca de 30.000 habitantes, é um oásis no meio do deserto australiano, de terra vermelha, plantas rasteiras, árvores e animais nocturnos. Iniciámos a visita à cadeia de montanhas *West MacDonnell Rangers*, com uma caminhada a pé, por percurso pedregoso "emoldurado" com eucaliptos de tronco branco

(eucaliptos fantasma), a fim de se ver o desfiladeiro que ao meio-dia tem o sol a incidir na vertical. Parámos em *Simpsons Gap*, de rochas vermelhas e erodidas, para observarmos uma fractura com mais de 60 milhões de anos.

Na manhã do 9º dia visitámos o *Royal Flying Doctor Service*, um serviço de assistência médica aérea gratuita, criado pelo reverendo James Flynn; o *Museu do Ar* e a *Galeria de Arte Aborígene*.

Passeámos pelo *Mall*, onde vimos os aborígenes em intensa actividade: deitados, sentados, espriados... na relva! Desde 1985 que os aborígenes (apenas uns 250.000) têm protecção do Governo.

De autocarro, pelo deserto, chegámos a **Kings Canyon**, onde admirámos a mudança de coloração das rochas (do vermelho ao castanho escuro), num período de trinta minutos, sob o efeito do pôr-do-sol. No dia seguinte (10º dia) alguns "alpinistas", pela manhã, bem cedinho, iniciaram uma caminhada de 5,5 km no desfiladeiro de Kings Canyon, que pertence ao *Parque Nacional de Watarraka*. A escalada, por degraus, rochas e caminhos pedregosos foi bastante "auxiliada" pelas moscas... Mas valeu a pena! Que momento mágico quando os nossos olhos vislumbraram o Jardim de Eden, com a sua piscina de água límpida e a luz a reflectir-se nas paredes das rochas! Este momento apenas foi quebrado pelo mergulho de um tatuado!

Avançámos em direcção a **Ayers Rock**, também conhecido como *Uluru* (nome aborígene) e a uns 50 km de distância avistámos essa rocha mítica, um monolito de enormes dimensões. Igualmente sagrados para os aborígenes são os **Montes Olga** (Kata Tjuta), conglomerado de trinta e seis rochas, separadas entre si. O nome *Kata Tjuta* significa, em aborígene, "muitas cabeças".



Após a chegada ao hotel, e algures no deserto, apreciámos o pôr-do-sol, enquanto se saboreava uma taça de *champagne*, ao som do *didgeridoo*. Seguiu-se o jantar "Sounds of Silence", à luz de velas e que culminou com uma dissertação de astronomia, sobre o que se vê no céu do Hemisfério Sul.

O dia seguinte (11º dia) trouxe-nos um momento inesquecível! Uma visão impressionante e arrebatadora de Uluru e dos Montes Olga, de helicóptero! Para completar esta imagem maravilhosa, ainda fizemos o circuito de Uluru a pé, que foi espectacular. O monumento, de cor vermelha acentuada tem 3,6 km de comprimento, 2,4 km de largura e 348 m de altura. Nele encontrámos algumas pinturas rupestres e um local sagrado para as mulheres aborígenes (caverna onde tinham os filhos), chamado Mala Puta. Depois do deserto chegámos a **Cairns**, cidade turística de 130.000 habitantes, quente e húmida, de clima tropical, onde fomos recebidos com uma agradável surpresa – um guia português de nome Pedro Martinho.

O 12º dia foi destinado ao cruzeiro à *Grande Barreira de Coral*, mas excepcionalmente o tempo esteve mau e o mar ondulante... revoltado... bem encrespado!

Oh, Adamastor, Adamastor, porque nos atormentas ainda, volvidos que são tantos séculos? Nem os comprimidos fizeram efeito! O barco ficou no mar e a visita à barreira fez-se de semi-submersível, com fundo de fibra transparente. Viram-se peixes coloridos, corais de várias formas e cores, tartarugas e moluscos. Seguiu-se a ida a uma praia de areia fina – reserva natural de pássaros. E o regresso não melhorou em relação à ida! Muito pelo contrário...

Ao 13º dia fomos da estação de *Freshwater* até Kuranda, num comboio turístico, passando por pontes e túneis, admirando uma paisagem soberba, com falésias, donde jorram cascatas e vales "adornados" pelo rio *Barron*.



Em **Kuranda**, no *Centro Cultural Pamagirri*, assistimos a um espectáculo de danças típicas dos Pamagirri, ao lançamento de *boomerang* e de lanças. Prosseguimos a visita, de veículo anfíbio, da floresta tropical (Rain Forest), onde pudemos observar dragões de água e fetos reais que podem atingir 7 m.

Houve ainda uma visita ao *Wildlife Park*, com lagartos de língua azul, *wombats* (mistura de urso e porco), crocodilos, barramundo (peixe), dingos (cães australianos que não ladram), *koalas* e, claro, cangurus.

Do teleférico, deliciámo-nos com uma paisagem fabulosa sobre a floresta densa, de árvores muito altas, procurando a luz.

Lá dos céus, fomos ainda surpreendidos com uma vista maravilhosa enquadrada pela cidade de Cairns, plantações de cana-de-açúcar e uma planície imensa, contrastando com a paisagem da floresta que acabáramos de visitar.

Ao terminar o dia, mesmo em frente ao nosso hotel, a Catedral de S.ta Mónica mereceu uma visita, apenas a alguns "curiosos".

É uma igreja moderna, com uma imagem de Nossa Senhora de Fátima e com muitos vitrais, tendo em dois deles a representação da paz e cuja palavra se encontra escrita em várias línguas. O orgulho português ficou "saciado" ao ver PAZ escrita por três vezes!

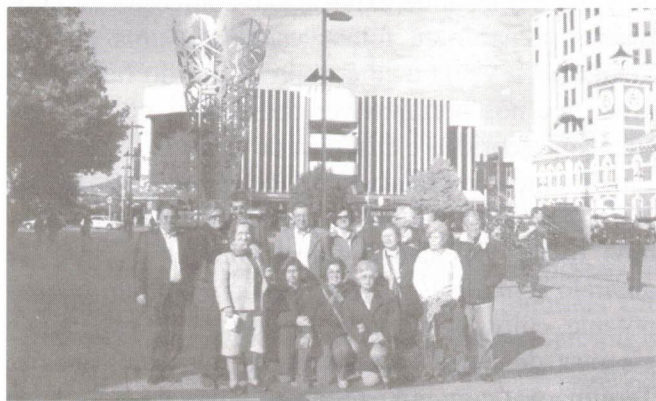
O 14º dia de viagem foi totalmente preenchido com os voos de Cairns/Sydney/Auckland (Nova Zelândia). A Nova Zelândia é constituída por duas ilhas principais, a *Ilha do Norte* (vulcânica) e a *Ilha do Sul* e ainda por várias ilhas menores. Os costumes e a estrutura social dos neozelandeses, carinhosamente apelidados de *Kiwis*, permanecem essencialmente britânicos.

No 15º dia visitámos **Auckland**, a maior cidade do país (1.200.000 habitantes), situada na Ilha do Norte, entre duas baías e dois mares (Tasmânia e Pacífico). Fomos ao *Monte Eden* para vermos os vestígios da cratera do vulcão extinto e as visitas sobre a cidade, baía e ponte *Harbour*. Seguiu-se uma panorâmica geral da cidade e seus edifícios principais, como o *Teatro Municipal*, a *Galeria de Arte Moderna* e a Universidade, terminando com a visita do *Museu de Kelly Tarlton's*, o Aquário e o *Centro Antártico* e os seus pinguins. Saímos de Auckland em direcção ao oeste e começou o desfile dos campos e prados verdes "ornados" pelas vacas, cavalos e ovelhas, pastando... Aqui desenvolveu-se a indústria vinícola, iniciada há cem anos pelos jugoslavos. Uma paragem e uma pequena caminhada pela floresta virgem permitiu-nos observar a gigantesca árvore Kauri, a árvore mais explorada pelos ingleses.

Descemos da floresta para apreciar uma praia de areia preta e a sua rocha em forma de leão sentado. De novo em Auckland, subimos à *Sky Tower* (que grandes fans das alturas!) ainda a tempo de desfrutar-

mos da panorâmica diurna, esperando pelo anoitecer, para termos outra perspectiva. Uma fantástica maneira de ver toda a cidade, os seus dois portos e as várias ilhas. Uma panorâmica fascinante e indescritível!

E, porque era Domingo de Páscoa (11 de Abril), parte do grupo dirigiu-se à Catedral de *St. Patrick* para assistir à missa. Foi uma bela cerimónia, ao som de cânticos, onde as nossas vozes se misturaram com a dos *Kiwis*... Na homilia, houve honras de referência a um grupo de portugueses que desejavam ser abençoados neste dia. Alguns "espírito santo de orelha" informou o sacerdote! Quem seria?



A caminho de Rotorua (16º dia), na parte sul da Ilha do Norte, parámos para visitar as grutas de Waitomo. Como qualquer gruta, apresentam estalactites e estalagmites, mas têm uma característica especial – larvas luminosas no tecto, que observámos durante um passeio de barco, na obscuridade, num rio subterrâneo.

Continuando o caminho para Rotorua fizemos uma paragem em Otorohanga, cidade onde aperfeiçoaram a criação do Kiwi, em cativeiro, ave símbolo da Nova Zelândia. Este animal mora em buracos e é nocturno, porque vê mal. É muito sensível ao ruído, tem as narinas na ponta do bico, tem sensores de calor (pêlos), as suas penas são muito finas, parecem cabelo e os seus ovos são de grandes dimensões em relação ao seu tamanho (cinco vezes maior que o ovo de galinha). Passando pelo rio Waikato, chegámos finalmente a **Rotorua** no coração da planície vulcânica. Rotorua fica situada nas margens do lago do mesmo nome e é um dos locais mais turísticos da Nova Zelândia, graças à quantidade de fenómenos geotérmicos que por ali abundam, impregnando toda a cidade de um intenso cheiro a gás sulfídrico.

Visitámos as antigas instalações termais, hoje transformadas em Museu. À noite, na Marae (entrada principal de uma casa maori) e, após as boas vindas, na pessoa do chefe Hugo (leia-se Dr. Hugo Tabora)

participámos num jantar tradicional, com espectáculo de danças e cantares maoris. Nós também participámos cantando "Coimbra, rouxinol de Bernardim..." e despedimo-nos com o habitual Efe-Erre-Á...

Na manhã seguinte (17º dia) saímos para a visita ao *Instituto de Arte e Artesanato Maori*, onde além de uma galeria para exposições de artes e costumes maoris, se ensinam as antigas artes, nomeadamente os trabalhos de madeira e de concha (Paua Shell).

Em seguida visitámos uma aldeia maori, com as suas casas típicas (casa das reuniões, outrora casa comunitária, casa para guardar mantimentos e outra de menores dimensões que servia de cofre), uma torre de vigia e o local de exposição e confecção de fatos maoris (a partir de folhas verdes de uma planta). Seguiu-se a visita a uma reprodução do habitat do kiwi, que nos permitiu ver dois kiwis, no meio do silêncio, escuridão e ausência de flashes...

Finalmente visitámos a Reserva Termal de *Whakarewarewa* – num ambiente sulfuroso, admirámos rochas quentes e fumegantes, salpicadas de amarelo (enxofre), geysers (sendo o Pohutu o mais potente, cujos jactos podem atingir os 30 m) e ainda piscinas de lama borbulhante, de aspecto sinistro. Terminámos com um passeio ao longo do lago, onde é visível a sua actividade vulcânica. De tarde partimos de avião para a Ilha do Sul, maior que a do Norte, mas apenas com um terço da população da Nova Zelândia.

A Ilha do Sul é montanhosa, com florestas verdejantes, mas também com extensas planícies e água abundante. Aterrámos em **Queenstown**, num aeroporto cercado de montanhas negras e, já instalados no autocarro, apreciámos a panorâmica do lago *Wakatipu*. É um lago glacial, com 45km de extensão, 400m de profundidade, temperatura média de 2º e em forma de Z, situando-se a cidade num dos seus cantos.

Queenstown é o segundo lugar mais turístico da Nova Zelândia, é o parque de diversões da Ilha do Sul, com todos os seus desportos marítimos e de aventura. Concluimos este dia com uma visita a **Arrowtown**, antiga cidade mineira de pesquisa de ouro (o ciclo do ouro durou de 1860 – 1865), onde pudemos observar algumas casas dos garimpeiros, em especial a dos chineses, que eram bastante mal tratados.

Pela manhã do 18º dia iniciámos a viagem em direcção ao fiorde **Milford Sound**, que está inserido no *Parque dos Fiordes*, parque nacional com dois milhões de hectares, englobando cinco grandes lagos, catorze fiordes, uma cadeia montanhosa e uma vasta floresta tropical virgem. A paisagem é aprazível com

as montanhas de cumes cobertos de neve, vales povoados de ovelhas pastando, balindo...

Com a entrada no Parque dos Fiordes fizemos uma paragem para ver o lago Mirror, cujo fundo escuro (devido à matéria orgânica proveniente das árvores) reflecte como autêntico espelho toda a vegetação envolvente. Começou a descida para o Fiorde e a paisagem é impressionante com montanhas a pique cobertas de vegetação e vales verdes, que merecem uma paragem para fotografar o *Monte Cristina*. Agora a estrada encaminhou-nos para um túnel muito rudimentar, de 150m de extensão e um declive de 120m. Por fim, surgiu-nos o Milford Sound, com a majestosa silhueta do *Mike Peak*, uma falésia que domina a entrada do fiorde do alto dos seus 1690m, mas onde 200m estão submersos. Foi num passeio de barco que melhor admirámos a grandiosidade do fiorde, esse estreito que saindo do Oceano avança cerca de 20km pela terra dentro!

A luxuriante vegetação cobrindo os picos montanhosos, que se erguem abruptamente do fundo do Oceano, alguns com neve nos cumes, as quedas de água e os golfinhos fizeram desta viagem de barco, uma viagem inesquecível!

De regresso ao autocarro tínhamos à nossa espera o kea, papagaio da montanha, ave de cor esverdeada e que posou para muitas objectivas... Ao jantar cantámos os parabéns à vovó Eng.^a Elvira Ramos, pelo nascimento da sua neta Margarida.

Logo pela manhã do 19º dia de viagem percorremos as ruas de **Queenstown**, uma pequena, mas bonita, cidade, com o lago *Wakatipu* a seus pés. Parámos junto à estátua do Sr. Rees, o primeiro explorador de carneiros, que teve direito a fotografia...

Saímos da cidade em direcção à costa Oeste, avistando o rio *Kawaru* e a fonte de onde um neozelandês se atirou com uma tira elástica atada aos tornozelos, numa altura de 42m. Tinha-se inventado o *bungee*! Atravessámos uma zona vinícola, com muitas vinhas nos vales, que se tornou fértil graças à construção de uma barragem. Parámos em Wanaka, banhada pelo lago do mesmo nome, que é uma alternativa turística a Queenstown. Entrámos num vale entre duas cordilheiras. Esta região é um parque natural, com a sua floresta tropical virgem. Acabada a cordilheira chegámos a Haast, uma terra de gente estranha, que gosta do isolamento, que só tem dois andamentos: lento e parado... e ainda tem orgulho na sua maneira de ser! É a região mais pobre do país e aqui almoçámos.

Passámos pelo lago Moeraki, uma praia de areia escura (característica da costa oeste) e fizemos uma bela caminhada pela floresta para alcançarmos o lago

Matheson, que com o seu fundo escuro, se transforma num espelho reflectindo o Monte Cook, o mais alto do país. Vamos agora ao encontro dos glaciares, únicos no mundo, porque avançam dos picos até uns escassos 12km do mar e estão situados na floresta tropical. Estes glaciares vão do topo da montanha ao sopé, não se estendendo na parte plana. Mantêm-se ainda porque estão protegidos do Sol, mas estão a diminuir gradualmente. Começámos por visitar o glaciador Fox, de mais fácil acesso do que o de Franz Joseph, a 23km de distância e que é o glaciador mais famoso da Nova Zelândia.

Ao 20º dia, a viagem pela costa oeste (costa selvagem) continuou por estrada, bordejada de flores amarelas de tojo, trazido pelos escoceses para fazer cercas e evitar a saída dos animais.

Fizemos uma paragem em **Hokitika** e, atravessando pontes multi-usos (passagem de comboio, viaturas e... vacas, alternadamente) chegámos a **Greymouth**, onde apanhámos o comboio transalpino que nos deixou em Christchurch. Uma viagem monótona, com muitas paragens (para arrefecimento das rodas), que fez com que chegássemos já de noite, a horas de jantar, a Christchurch.

O 21º dia de viagem foi dedicado à visita de **Christchurch**, a terceira cidade da Nova Zelândia, capital da região de Canterbury, cidade-jardim (dada a abundância de espaços verdes), tipicamente inglesa e muito conservadora. Visitámos a *Catedral do Santíssimo Sacramento*, católica, de estilo romano renascentista, que é a maior da (Australásia) Nova Zelândia. Todo o seu interior apresenta uma harmonia entre as naves espaçosas, os pilares com capitéis variados e a interacção de arcos graciosos. Seguimos para a Praça da Catedral, o centro activo da cidade. Na praça está uma estátua erigida a John Robert Godley, o inglês que organizou a viagem que trouxe os ingleses até aqui. Existem três monumentos na praça, sendo um dedicado aos mortos da II Guerra Mundial; outro a todos que chegaram à cidade e o último dedicado aos maoris, que representa um cálice em forma de palmeira com outras árvores nativas.



Monumento às primeiras sufragistas

Visitámos a Catedral anglicana (que deu nome à Praça), bastante bonita, com rosácea e belos vitrais. Nas paredes exteriores da Catedral pode presenciar-se um painel de azulejos com várias cruces suásticas, a lembrar o primeiro símbolo cristão.

Ao caminharmos pela cidade vimos um monumento evocativo das primeiras sufragistas da Nova Zelândia e que serviu de fundo a uma fotografia das senhoras presentes...

Seguidamente visitámos a Antiga Universidade de Canterbury, hoje *Centro de Artesanato*, onde Rutherford trabalhou no seu modelo atómico.

O passeio terminou com uma passagem pelo Jardim Botânico, onde através dum sobreiro Portugal foi evocado...

A viagem aproximava-se do seu final. De avião, chegámos a Auckland para iniciarmos o regresso ao nosso país. Partimos rumo a Los Angeles, com uma hora de atraso e passadas mais de onze horas de voo, com muita turbulência, aterrámos.

Com o atraso do avião e tanto controlo (até meteu exemplar canino...) não conseguimos a ligação para San Francisco. Após várias diligências do nosso guia acompanhante, Sr. Luís Marques e algumas dificuldades, lá apanhámos o avião, ainda a tempo do jantar na bela baía e de vermos San Francisco "by night", em especial a *Golden Gate*.

A 18 de Abril (22º dia), pela manhã, saímos do hotel (o famoso *Hilton*) para visitar a cidade. San Francisco, formada em 1776, é uma cidade pequena, carismática, europeia e, com muitas casas vitorianas, que não podem ser demolidas, dado constituírem património municipal. O seu *ex-libris* é o *bondy*, uma espécie de eléctrico. Visitámos a *Catedral Católica de S.ta Maria da Assunção*, igreja moderna em forma de mitra e de máquina de lavar. Tem uma característica muito americana – no seu interior existe uma escadaria ampla que conduz às casas de banho e às lojas de *souvenirs*...

Passámos pela colina das catedrais, uma avenida com sequóias e chegámos a uma praça, onde está a Câmara Municipal, um belo edifício de cúpula dourada, o *Museu de Arte Asiática*, o Tribunal e a Biblioteca Municipal.

Atravessámos a zona Castro, reduto *gay*, assinalado pela sua bandeira hasteada, bem colorida. Na baía avistámos a *Ilha dos Anjos* e a *Ilha de Alcatraz*, local de antiga penitenciária, hoje transformada em museu. Prosseguindo, passámos pelo Parque *Golden Gate*, atravessámos a *Golden Gate* com os seus 3 km de comprimento, 90 m de altura e 90 m de profundidade, donde pudemos, mais uma vez, admirar a esbelta baía de San Francisco (a 4ª maior do mundo). Seguimos em direcção ao aeroporto para apanharmos o avião com destino a Londres, onde aterrámos passadas cerca de dez horas de voo.

Enquanto esperávamos pelo avião que nos levaria a Lisboa, todos os participantes fizeram a sua apreciação a esta viagem, que para a grande maioria foi fantástica, com um óptimo programa e muito bem organizada. Claro, que o grupo também contribuiu, com a sua união e pontualidade.

No último dia tivemos o jantar de despedida e festejámos o aniversário do nosso Guia, ofertando-lhe uma lembrança do Grupo.



Finalmente, ao 23º dia, chegámos a Lisboa, com o natural cansaço de uma viagem longa e de grandes diferenças horárias, mas radiantes por termos conseguido realizar esta magnífica viagem.

Maria Guerra Prazeres

Eis que treze destemidos "romeiros"
Em feliz "Volta ao Mundo" se lançaram
E assim, verdadeiros aventureiros,
Os nossos antípodas alcançaram!

Depois de Londres e de Singapura
A visita à Austrália iniciaram;
Emas, cang'rus, kualas, que doçura,
E o Uluru e as Olgas visitaram.

Kings Canyon e Aborígene arte
Extasiado todo o grupo deixou
Qu'assim pr'á Nova Zelândia parte!

Diferente é a beleza dessas Ilhas
E a do Sul, mais agreste, m'espantou
Com suas autênticas Maravilhas!

"Mr. Streets" (Fernando Ruas)

OS NOSSOS PASSEIOS II

Cá Dentro

I - PASSEIO DA PRIMAVERA

"À Descoberta do Baixo Alentejo

De 14 a 16 de Maio de 2004

Promovido pela nossa Associação teve lugar mais um dos denominados "Passeio da Primavera", desta vez no desvendar das belezas alentejanas.

Embora, ao longo do ano, os momentos de convívio entre os Sócios e Familiares sejam frequentes, dada a multiplicidade de eventos que lhes são proporcionados, os convívios destes passeios assumem um aspecto especial, uma vez que se faz vida em comum desde o alvor do dia até ao deitar. Também por esta razão os passeios da Associação são muito apreciados.

Desta vez a partida efectuou-se do local habitual – traseiras da Reitoria da Universidade de Lisboa – às 9h15 e após a tolerância da praxe.

Estrada fora, rumo a **Montemor-o-Novo**, os dois autocarros proporcionaram os primeiros contactos, actualização de conversas e piadas da "geral".

Foi na bonita cidade de Montemor que se fez a primeira paragem "técnica" após uma visita à parte antiga da cidade e ao Castelo, com as suas Torre do Anjo e Torre da Má Hora e soberbas vistas, tendo usufruído de uma animada e completa Feira Medieval.





Seguiu-se um desvio para se poder apreciar o "Cromeleche" dos **Almendres**, monumento megalítico, constituído por menires, dispostos em círculo (único na Península). Trata-se de um conjunto de blocos de granito, quase todos de forma ovaloide, e que segundo se julga se destina a honrar os mortos, embora lhes possam ser atribuídas outras finalidades, tais como o culto do Sol ou, ainda, a de orientação através das sombras. A cada uma das pedras dá-se o nome de Menir e o seu conjunto é que forma o "Cromeleche" ao qual se atribui uma idade anterior à de Cristo.



Retomado o percurso, os autocarros embrenham-se numa sempre desconhecida Província do Alentejo em direcção a **Évora**.

Nesta altura já se iam manifestando sinais de ansiedade porque os estômagos reclamavam alimento. Foi pois com grande alívio que todos assentaram arraiais no "Pátio Alentejano" para a primeira refeição em comum, com a concomitante satisfação que é proporcionada por um bem aguardado repasto.

É sempre com alguma nostalgia que se abandona o lugar das comezainas, mas o dever chama-nos à visita aos principais monumentos da bela cidade de Évora, com um relevo muito especial para a passagem pela Universidade e suas riquezas (o claustro, a fachada maneirista da Sala dos Actos, o refeitório dos lentes e a célebre Biblioteca), local que tanto nos toca, e ainda, pela descrição da opulência da Catedral romano-gótica do séc. XII, onde avultam os seus relevos em barroco, para a Praça do Giraldo, a Igreja da Graça e Igrejas de S. Francisco.

É já com o ar de algum gostoso cansaço que chegamos, ao cair da tarde, ao lugar de alojamento, o Hotel D. Fernando, onde decorreu o jantar e a nossa primeira noite de descanso.

Foi então que nos introduzimos no Alentejo profundo e grande surpresa estava preparada para os que não são "hábituéis" destas paragens. Em vez de grandes searas e vastas plantações de girassol, deparou-se-nos enormes plantações de vinha e olival e, pasme-se, muitos hectares de batata. Apenas os sobreirais e soutos de castanheiros faziam lembrar os outros tempos alentejanos.

O tempo de viagem pareceu encurtado pelas intervenções na camioneta nº 1 dos nossos Colegas: Brardo e Paquim.

O primeiro deliciou-nos com uma lição de história de Portugal envolvendo episódios ligados com o nosso percurso e o segundo exibiu-nos o seu humor e veia poética, com uma engraçadíssima "charge" à intervenção do Colega Brardo.

A primeira paragem desta jornada aconteceu em **Portel** onde nos esperava uma simpática Joaquina que, com a sua simplicidade e competência, a todos encantou. Feito um pequeno desvio para **Vera Cruz** fomos confrontados com a Igreja de Cruz de Malta, constituída por construções de várias épocas, encontrando-se nas traseiras as ruínas mais antigas, ditas do Século XIII. Nessa Igreja pôde observar-se a relíquia do Santo Lenho (trazido da Terra Santa e que acompanhou o exército na Batalha do Salado) que é considerada a mais notável da Península. Também nesse local, a nossa Joaquina nos contou a lenda da Fonte dos Milagres.



A próxima etapa foi a visita à barragem do **Alqueva**: impressionante obra de engenharia que esmaga pela sua grandeza e nos dá a esperança de algum dia chegar alguma riqueza às gentes do Alentejo.

Prosseguimos numa volta a **Moura** e por unanimidade se prescindiu da ida a Serpa, pois o atraso no horário já era considerável e a hora do almoço aproximava-se.

Já em **Beja**, o Restaurante Maris Beja acolheu a caravana com um apreciado almoço e um curto tempo de repouso que foi muito bem recebido.

Esperava-nos uma tarde inteiramente dedicada à cidade de Beja, capital do Baixo Alentejo como gostaria de dizer a temperamental guia Natércia, um exemplar único de bairrismo e de gosto pela sua terra. Foi ela que nos acompanhou durante todo esse período, desdobrando-se em chamadas de atenção para os diferentes monumentos e casa Senhoriais ali profusamente espalhados. Visitaram-se igrejas, com especial relevo para a Sé de Beja que apresenta uma riqueza interior incalculável e, ainda, antigos conventos e outros pontos de relevo da cidade que não parece a mesma de há uns anos antes.

Cheios de um cansaço satisfeito, os excursionistas foram depositados no Hotel Melius para o jantar e respectivo alojamento.

O último dia do passeio iniciou-se com uma passagem por **Vidigueira** a caminho das interessantes ruínas de **Cucufate**. Trata-se de um conjunto de escavações em diferentes estádios de conservação, apresentando algumas construções ainda visíveis e uma área que apresenta todos os indícios da existência de antiga villa romana e depois Convento da Ordem de S. Tiago.



Seguimos rumo a Alvito, prescindindo, por acordo geral, da ida à Barragem de Odivelas. No Alvito, foi possível fazer uma pausa que foi aproveitada, por alguns, para satisfazer o vício do cafezinho e, por outros, para repousar na agradável Pousada que se situa dentro do Castelo.

A etapa imediata consistiu na paragem no Santuário de N.ª Sr.ª de Aires a qual apresenta no exterior uma

notável construção arquitectónica muito parecida com a Basílica da Estrela – alguém afirmou que esta se tinha inspirado naquele Santuário -. O interior do Santuário exibia uma impressionante manifestação de fé, contendo milhares de fotografias ou representando, cada uma delas, um desejo de protecção ou um acto de agradecimento. Predominavam fotografias de militares, principalmente os regressados do antigo Ultramar Português, após participação nas guerras coloniais.

Seguimos, depois, para **Viana do Alentejo** tendo havido uma paragem para almoço no Restaurante Monte do Sobral a pouca distância daquela vila. Uma referência, para assinalar a excelência de almoço que fechou com chave de ouro as nossas refeições.

A última paragem, antes do repouso, teve lugar nas **Grutas do Escoural** que, embora muito pequenas, apresentam nas suas paredes alguns vestígios ténues de gravuras rupestres e necrópole neolítica.

Com esta visita terminou o itinerário programado, seguindo-se o regresso de autocarro a Lisboa já com toda a gente a sentir a nostalgia das despedidas e a pensar na próxima excursão dita de "Outono".

Esta viagem foi para muitos amenizada pelo relato da final da Taça de Portugal e pela alegria proporcionada pela vitória do seu clube favorito, a qual foi calorosamente saudada.

Pode dizer-se que o ponto final ocorreu com o último EFERREÁ, dos muitos gritados durante o passeio, e este dirigido ao nosso muito competente Adriano, motorista da camioneta nº 1 e já largamente conhecido da grande maioria.

No ocaso do dia este grupo de Amigos, ligados pela força da alma Coimbrã, sentia a saudade reflexo do findar da festa que proporcionou o sempre aguardado convívio, saudade essa atenuada pelo desejo da realização do próximo passeio.

Braz dos Santos

Na Gruta do Escoural Meditação

*Aqui temeste, tremeste
De frio e de fome,
Das feras e coriscos.
Aqui viveste, morreste,
Amaste... talvez.
De andar bamboleante
E mãos canhestras,
Eis-te a gravar a negro e ocre
A prece incipiente*

*Ao Ente-protector,
Ferindo a rez pintada
No bojo da caverna,
Esquematisando poderosos falos
Em híbridas figuras,
Porque criar é nobre!
Guardaste a eternidade dos teus mortos
No solo onde dormiste...
Comeste o que caçaste,
Bebeste o plâncton dos charcos...
Hominídeo ou Homem
Vencendo a Natureza,*

*Vê a excelência do circunvulcionado córtex,
Em óssea e mínima boceta cofreado.
Não te engrandece a tua imensa prole?
Quanto saber! Quanto requinte!
Potência infinda
Em "acto" a querer esgotar-se...
Não nos invejas tu,
Meu caçador inábil,
Recolector de frutos,
Pescador de olhar agudo
E mão certa!
Olha Homo Habilis, olha bem!
Vê o cogumelo de Hiroshima,
Os múltiplos holocaustos.
E a engenharia genética!?
Manipular é tão curtido...
Já viste a maravilha?
Genes humanos, genes de símio!
Que tal cruzá-los?
Coitado do macaco, tão infeliz!*

*Grão longínquo
De audazes cosmonautas,
De ascetas, de bandidos...*

*Olha bem Antepassado,
Olha bem...
Contempla a tua obra!
Revê-te na beleza
Do rosto de Alcibiades,
Nos músculos do Discóbolo,
Nas curvas cálidas de Afrodite.
Admira-nos os malares tão finos,
As pernas bem lançadas,
A elegância das mãos longas,
Garantes do pensar...
Dedos de fuso a acariciar teclados...
Abuso da Ciência,
Ou saudosismo atávico?*

*T.S.F., T.V., Telefone... fone... fone...
Comunicar, comunicar, comunicar...
Não Homo Faber, não nos invejes
Que é estreita a cela em que vivemos...
Além do mais, é ambulante,
Connosco há-de ir aonde quer que vamos.
Teceu-a a solidão...*

*Nela tememos e trememos...
Outras as feras, os coriscos...
Pobre Homo-Sapiens-Sapiens!
Sapientissimus...*

29 de Abril de 1990

Maria Olga Afonso dos Reis

VISITAS LOCAIS

- I - À FUNDAÇÃO RICARDO ESPÍRITO SANTO, 25 de Março de 2004**
- II - À FUNDAÇÃO MEDEIROS E ALMEIDA, 15 de Abril de 2004**
- III - AO MUSEU DA CIDADE, 12 de Maio de 2004**
- IV - AO MUSEU DA IGREJA DE S. ROQUE, 23 de Junho de 2004**

Com o objectivo de diversificar as actividades culturais da nossa Associação, iniciaram-se no mês de Março as denominadas "Visitas Locais", das quais damos agora breve notícia.

Procurámos escolher instituições, eventualmente, menos visitadas e com muita satisfação verificámos que tem vindo a aumentar o número de sócios aderentes a esta iniciativa.

Realizámos a primeira visita ao "Museu e Oficinas da Fundação Ricardo Espírito Santo" em Março. Nos meses subsequentes visitámos a "Fundação Medeiros e Almeida", o "Museu da Cidade" e a "Igreja e Museu de S. Roque". Sempre guiadas por técnicos superiores altamente qualificados iremos continuar, depois das férias, com outros programas bem aliciantes. Se ainda não nos acompanhaste nestas visitas, decide-te e inscreve-te na próxima, assim que chegar a circular. Vais gostar!!!

Maria Claudina Castel-branco

CONVERSAS QUINZENAIS

1º Semestre de 2004

55ª Conversa – (14 Janeiro) – "*Actividades da Associação. Vem Dizer da Tua Justiça*", por todos os participantes.

Como já vem sendo hábito, iniciámos o ano com uma "Conversa" aberta a todos os que querem colaborar com a nossa Associação. Nesta, como nas anteriores, foram apresentadas várias propostas, fizeram-se perguntas, esclareceram-se dúvidas. Foram também feitas várias sugestões para viagens e para novos programas. Foi de imediato aceite e aprovado a que sugeriu visitas mensais à cidade de Lisboa e arredores: exposições, museus, monumentos e outros locais de interesse. A responsabilidade da sua organização foi voluntariamente aceite pela Colega Maria Claudina Castel-branco.

Embora se note, de ano para ano, uma maior participação de Sócios, seria desejável que a mesma se tornasse cada vez maior e portanto mais significativa.

56ª e 61ª Conversas – (28 Janeiro e 7 de Julho) – "*Gualdim Paes, Cavaleiro e Mestre Templário*", por Olga Reis.

Pela extensão e complexidade do tema escolhido, foi este dividido, pela Autora, em duas partes.

A 1ª proferida na "Conversa" de 28 de Janeiro e a 2ª em 7 de Julho.

Gualdim Paes nasce em 1118 em Amares (?). Nesse mesmo ano é criada em Jerusalém a Ordem dos Templários a que vem a pertencer, tendo sido nomeado Mestre da Ordem em Portugal.

Torna-se necessário para melhor compreendermos os seus ideais, que falemos dessa Ordem, mesmo que resumidamente. Os tempos eram de fervor religioso na luta contra os mouros. Era a época das Cruzadas e das peregrinações a Jerusalém.

A Ordem dos Templários é criada por cavaleiros cruzados franceses em Jerusalém (1118), próximo do local onde existira o Templo de Salomão e daí o seu nome. A sua principal missão foi desde logo a defesa dos lugares Santos e dos peregrinos que aí se dirigiam. Maria Olga referiu-se em seguida aos seus principais Grão-Mestres, as suas genealogias, ideais e propósitos que os orientavam.

Falou-nos, entre outros, do papel de Godofredo de Bulhões na 1ª Cruzada, na conquista de terrenos a que chama de "Reino Latino de Jerusalém". Segue-se-lhe Balduino, conde de Orleães que se intitula rei desse mesmo território.

Os Templários iriam inspirar outras Ordens como a

de Cristo, a de Avis, a dos Jesuítas, a Rosa-Cruz, etc. Era uma Ordem iniciática e isotérica. Para se ser templário era necessário prestar provas de ordem guerreira e espiritual. A sua investidura era acompanhada dum extenso e curioso Ritual. Tinham também de desenvolver, a par de outros deveres que juravam, o seu saber. Deveriam ser "ávidos de Saber". Fazendo votos de pobreza, entregavam todos os seus bens à Ordem. Cedo se tornaram grandes proprietários através de numerosas e importantes doações de terras e bens a que acrescentavam novos territórios por eles conquistados aos "infiéis". Os seus domínios eram vastíssimos e os seus templos verdadeiras fortalezas. Na localização e construção dos seus castelos e templos, presidia sempre a preocupação de escolher lugares ligados a cultos antigos, a lugares telúricos e orientados segundo estrelas e constelações.

Maria Olga ia ilustrando a sua exposição, fazendo circular entre os presentes, postais, mapas, gravuras e outra documentação, representando castelos, torres, mosteiros, símbolos e territórios. Falou-nos nos símbolos da Ordem: a cruz, o selo e a balsa. A cruz vermelha em fundo branco e preto foi, mais tarde, obrigatoriamente usada sobre o hábito.

As casas da Ordem, contavam-se por milhares nos países europeus. A sua riqueza era tanta que se tornaram banqueiros. Empréstavam dinheiro a reis, príncipes, grandes senhores, bispos e prelados.

Geraram invejas e cobiças. Para os destruir criaram-se calúnias de toda a espécie. Eram acusados de ambição desumana, de práticas de imoralidade e de bruxaria. Filipe, o Belo, desejoso de se apoderar das suas riquezas e destruir o seu poder, mandou prender o seu Grão-Mestre, Jacques de Moullet e demais templários. Depois de um processo iníquo e vergonhoso, condenou-os a morrer na fogueira ou na prisão (1314). O Papa Clemente V, por instigação daquele monarca, suprimiu a Ordem.

Em Portugal, D. Dinis, fazendo justiça ao seu mérito no desenvolvimento da agricultura, ao seu saber e ao auxílio que os Templários sempre prestaram nas lutas contra os mouros e na pacificação das populações, contornou com extrema habilidade e diplomacia as ordens papais e conseguiu a aprovação de uma nova Ordem a que chamou de Cristo, para a qual passou a quase totalidade dos bens dos Templários.

Voltando de novo a Gualdim Paes, Maria Olga, lembrou que tinha nascido em Amares (?) em 1118, sendo filho do nobre Paio Ramires, companheiro do Conde D. Henrique e apoiante, mais tarde, de D. Afonso Henriques. Segundo alguns era descendente de reis visigodos e teria ainda entre os seus antepassados S. Basílio e S.to Estêvão. Criado juntamente

com D. Afonso Henriques, foi por este armado cavaleiro na Batalha de Ourique. Depois de participar em inúmeras batalhas contra os castelhanos e mouros, em que se distingue pela sua inextinguível coragem e talento, parte em peregrinação a Jerusalém aonde toma contacto com a Ordem dos Templários e aprende as suas Regras. Aí permanece 5 anos, ao fim dos quais regressa a Portugal onde é nomeado Mestre da Ordem dos Templários (1157?). A sua acção é considerável. Inicia a construção do Castelo de Tomar, futura sede da Ordem. A localização do castelo obedeceu ao critério templário na escolha dos locais. Foi construído numa colina, segundo a orientação da Constelação de Boeiro.

São-lhe atribuídas as construções ou reconstruções dos seguintes castelos e igrejas, além de Tomar: Almourol, S.ta Maria do Olival, Ceres, Pombal, Dornes, Cardigos, Soure, Monsanto, Idanha, Moga-douro, Monserraz, Olivença, Santarém, etc. Promoveu a agricultura e o povoamento nas localidades onde se situavam esses castelos e nas povoações e territórios conquistados.

Os bens da Ordem também aqui eram constantemente aumentados com doações reais e outras.

Sobrevivendo a D. Afonso Henriques, defende ainda Tomar dos ataques de Almansor. Luta mais tarde em Castela contra os mouros, onde foi ferido numa perna que o impediu de combater como até aí.

Morre em 1195? e na Igreja de S.ta Maria do Olival em Tomar, que chegou a ser o Centro Espiritual de todas as terras portuguesas, repousam os seus restos mortais.

57ª Conversa – (11 Fevereiro) – "*A Vida numa República*", por Camacho Vieira.

Camacho Vieira quis dar um adequado ambiente à sua "Conversa" e assim, o nosso Salão foi decorado com fotografias e outras reproduções referentes à "Real República – Palácio da Loucura" onde viveu belos e inesquecíveis momentos da sua juventude. Mas do que ele nos disse com graça e entusiasmo, melhor será remeter-vos para o anterior número (22) do "Capa & Batina", onde o Autor teve a gentileza de colaborar



com esta "Conversa" na rubrica "In Illo Tempore", páginas 17 a 20.

58ª Conversa – (21 Abril) – "*A Razão dos Anos Bissextos, e a Marcação da Páscoa*", por António Capela Gordo.

A necessidade de fazer coincidir a duração do ano civil com a duração da translação da Terra em torno do Sol, sempre preocupou o Homem. Os romanos, por exemplo, marcavam os acontecimentos a partir do primeiro dia de cada mês – a "calenda", donde surgiria a palavra Calendário. O número de meses e dias foram mudando através dos tempos. De início o ano romano tinha apenas 10 meses, tendo-lhe sido acrescentados mais dois no reinado de Numa. Capela Gordo, depois de se referir às designações actuais dos nomes dos dias e meses nas línguas europeias, falou-nos da grande reforma de Júlio César na medição do tempo, procurando pôr fim à desordem que reinava em Roma na contagem dos dias. Mudou o início do ano para 1 de Janeiro, fixou o Equinócio da Primavera em 25 de Março e introduziu mais um dia de quatro em quatro anos. Esse dia suplementar foi atribuído ao mês de Fevereiro, mês considerado nefasto, consagrado aos deuses infernais e que por isso deveria ter um número par de dias (28), pois os números ímpar eram considerados favoráveis e consagrados aos deuses superiores. Para não alterar, por razões supersticiosas esse número par, foi introduzido aquele dia, intercalado sem nome a seguir ao dia 23. Como o dia 24 de Fevereiro também tinha a designação de "sexto dia antes das Calendas de Março (1 de Março), o dia suplementar ficou também com o nome de sexto antes das Calendas de Março ou bis-sexto donde resultou a designação de bissexto.

400 anos passados sobre o início do novo Calendário Juliano, verificou-se que o mesmo estar de novo adiantado 3,12 dias em relação ao movimento da Terra em torno do Sol. Havia que rectificá-lo. E assim o Concílio Ecuménico de Niceia (325 d.C.) fixou o Equinócio da Primavera em 21 de Março.

Em 1582, o Papa Gregório XIII, reformou novamente o Calendário de modo a tornar a duração do ano civil o mais próximo possível do ano trópico, e assim surgiu o Calendário Gregoriano. Está hoje provado, no entanto, que mesmo a Regra Gregoriana provoca um erro de 2,53 num ciclo de 400 anos.

Referiu-se depois à mobilidade da Festa da Páscoa, um dos inconvenientes do nosso Calendário Gregoriano.

A origem da Festa da Páscoa data da saída do povo judeu do cativo no Egipto e foi fixada no 14º dia do ano lunar (séc. XV a.C.). Os judeus utilizavam um calendário lunar: o mês correspondia às fases da Lua e o dia 14 de qualquer mês era o dia da Lua Cheia. A

Festa da Páscoa celebrava-se no dia da lua cheia, a seguir ao Equinócio da Primavera (21 de Março). No ano 325, o Concílio de Niceia, já mencionado, fixou a data da Festa da Páscoa no 1º Domingo depois da lua cheia que se segue a 21 de Março e ainda hoje se determina por este sistema. Gauss (1777-1855), grande matemático e astrónomo alemão, inventou uma fórmula que tem o seu nome, com a qual se pode calcular a data do domingo de Páscoa para qualquer ano.

Capela Gordo exemplificou e fez contas, de modo que ficamos a saber que a Páscoa em 2005 será a 27 de Março, em 2006 a 16 de Abril, etc.

Referiu-se ainda aos vários símbolos da Páscoa e seus significados. Terminou a sua interessantíssima exposição com as Estações do Ano e a sua explicação científica. No final foi grande o interesse demonstrado por todos os presentes, que o assediaram com perguntas e manifestações de agrado.

59ª Conversa – (19 Maio) – "*A Modinha Brasileira*", por Luísa Sawaia.

Luísa Sawaia historiou a evolução da música brasileira desde a descoberta do Brasil até aos "chorinhos" actuais, lembrando a música levada pelos portugueses, tocada, cantada e dançada nos Salões da nobreza, nas "casas grandes dos brancos" e a música que simultaneamente se fazia nos "terreiros" e sanzalas. A introdução de novos instrumentos trazidos do Continente ou fabricado pelos escravos, criaram novos ritmos e melodias. Nos "lunduns" surgiam novas cadências africanas e prevalecia a malícia das letras. Citou notáveis compositores brasileiros e portugueses que muito contribuíram para a evolução e aperfeiçoamento da música erudita brasileira.

Toda esta exposição foi acompanhada com música ilustrativa, cantada por Luísa Sawaia e por ela gravada em cassetes e CD's. Algumas vezes, encantounos, também, cantando ao vivo, num estilo próprio e muito pessoal, transformando a música popular em erudita. Com as suas magníficas interpretações. A sua bela voz de mezzo soprano que aliada a uma simpatia e encanto natural maravilhou e encheu a alma de todos os que a ouviram. Muito aplaudida e cumprimentada no final, cantou ainda algumas árias a pedido dos mais entusiastas.

60ª Conversa – (16 Junho) – "*Como Escolher uma Viagem*", por Mário Caldeira.

Gostando muito de viajar, pertencendo mesmo a um Clube de Viagens, Mário Caldeira, considera que viajar, além do prazer cultural que proporciona pelo conhecimento de novas terras, usos e gentes, pela poesia que cada um lhe pode acrescentar, é também

uma "epopeia" que depois gostamos de contar aos amigos.

Mas como escolher uma viagem?

Não é assim tão fácil como se imagina de início, se quisermos que ela seja agradável e proveitosa. Recorrer a um guia? Os melhores e mais numerosos são em língua estrangeira e a literatura de viagens é escassa. O guia é frio, o romance enriquece a descrição.

A Literatura Portuguesa teve bons cultores, sobretudo no séc. XVIII e XIX, mas foram poucos, comparado com o que se passou e passa nas Literaturas Inglesa, Italiana, Americana ou Australiana que é riquíssima. Ao escolher uma viagem, temos em primeiro lugar, que nos incluir num dos dois tipos de viajante que existem: o independente ou o dependente.

O independente vai à procura de emoções, sem horários rigorosos, escolhendo muitas vezes o seu itinerário através da Internet. O número de independentes que recorre à Internet está cada vez a aumentar, até porque através dela se conseguem viagens mais baratas e a oferta é grande.

Os dependentes vão em grupo, o que pode levar a algumas divergências e transtornos. Há que gerir isso na escolha da viagem.

Nestes dois grupos, uns fazem a viagem para descansar a mente na montanha, na praia, no calor, no frio, outros dão mais valor ao aspecto cultural e outros ainda às viagens com aventura: safaris, montanhismo, escaladas, etc.

Viajar em grupo dá segurança e tranquilidade, mas evita o contacto directo e a liberdade de opções.

Há ainda os que desejam e aproveitam para fazer compras, o que hoje em dia não se justifica, na medida em que se pode encontrar em Portugal tudo ou tudo se pode encomendar. Antes de iniciarmos uma viagem, quer em grupo quer como independente, há que prepará-la: na escolha de roupa adequada ao clima do local pretendido, na aquisição de um seguro de viagem, na obtenção do chamado "passaporte de saúde", nos medicamentos a levar, na escolha da mala que deve ser, para os jovens da nossa idade, leve, com rodas e de dimensões normalizadas. Pensar sempre que, se for preciso roupa mais quente ou mais fresca, comprar-se-á na hora.

Mário Caldeira concluiu a sua exposição dizendo novamente que escolher uma viagem não é fácil. Depende sempre de vários condicionalismos, entre os quais a saúde de cada um, que deve ponderar as suas possibilidades de modo a que não se prejudique a si próprio, nem aos seus companheiros. Muitas vezes a viagem é gravemente prejudicada por essa falta de ponderação.

Isabel Alexandre

OS NOSSOS POETAS

“CARLOS CARRANCA - A PAIXÃO POR COIMBRA”

Só por quanta amizade – por bem saber-me, decerto, sem mérito para tanto – O C. Carranca apontou-me o dedo para fazer a apresentação de mais este livro: “Coimbra à Guitarra”!

Entendi não dever fixar-me num: NÃO!

Não que não perscrute o dentro da sua poesia; não que bem não sinta como ele toca por dentro da guitarra que fisicamente não toca... mas que tange com subtil harmonia; não que não consiga ir com ele por dentro daquela Coimbra que é tão Nossa!

Aceitei! Valham-me agora os Deuses... em que não creio!

E depois deste “camuflado”, auto-elogio já me sinto balanceado para esta aventura.

E, por aqui, me deixarei ir, pelo dentro de mim!

A poesia de C. Carranca, de que venho falar-vos, é... é... é... (as reticências são intencionais!)

é...

*...O lá onde
Os acordes de uma guitarra
Enchem
O ilimitado Espaço
Da poesia!...*

é

*...O lá onde se demoliram casas
Onde reinava a lua!...
Tudo trocado por mostrengos de pedra
A devorarem uma tradição
Que morava
Em cada recanto de rua
Em cada bocado de nós!...*

... ..

*Saudade de Pedra
Em cada degrau de escadaria
Que vinha desde lá,
A R. do Loureiro, do Beco da Anarda
Das Rs. Das Flores e dos Militares
Saudade junta na R. dos Coutinhos
Com a R. dos Correios e o B. da Carqueja
E subia o Quebra-Costas
E nos sentava, JUNTOS,
Nos degraus da Sé-Velha!*

Sabes?...

*Eu vi demolir o Arco-do-Bispo!
(sabes onde era?... ?)
Vi demolir o Arco-do-Castelo!
Vi estilhaçar, bocado a bocado,
O Largo da Feira
Para tudo substituir por pedra bruta
Sobre Pedra Bruta!*

Sabes?...

*Com esse “terramoto”
Levaram o Flávio para um “casinhoto”
Em Celas
Era lá, que o Zeca e eu o visitávamos
Enquanto, ele, devorava lentamente
A tuberculose!*

*E tiraram o Pirata
Do seu recanto da R. dos Estudos
E deixaram-no ir
Para o mais perto... Loongee!
Os Arcos do Jardim!
E com ele foram os livros
Que pautavam, FIADOS, aos Estudantes.*

Sabes?...

*Eu sei quanto bem o sabes!
Pois esta tua poesia, AQUI,
Vem tão entranhada disso...
Lá por detrás das palavras!...*

É assim, que a tua poesia exige de mim palavras demais. Já que não é tão apenas a poesia que aqui está, mas o que está para além dela,... e onde, aí, transborda de si mesma!

Havia de vir dizer com que “argamassa” se juntou, nestes poemas, a inspiração e a reflexão. Inspiração, como dádiva do subconsciente, força a saltar o vale do que apenas presente!...; reflexão, trabalho consciente no arrumar os dados que aquela lhe vai deixando!

Definição minha: "Poesia é a margem do lado de lá do rio que corre...". Ali se busca a amálgama entre o "real e o imaginário".

Para Pascoaes, "o real e o imaginário são duas sombras do mesmo corpo ausente!". Diz mais: "O Homem não vive no mesmo lugar em que existe!".

E tudo isto ESTÁ lá no fundo deste seu opúsculo de Poesia, onde C. Carranca a põe de namoro com a guitarra. Porquanto a guitarra – (e poucos sabem disso) – NEM ONDE?... NEM COMO?!... Sei-o lá bem!... dá-se à Poesia!

Poesia, em C. Carranca, aqui, é mais o que de meditado não está dito!... mas que, de "transfigurado" tão inserido está na outra face do quanto não está dito! É essa a sua maior riqueza!

Ele deixa sugerir, tão profundamente, e tão só!, o que vai "lá"... no outro lado do vale!

Assim,

Quem o leia
 Que desça essa teia
 Com uma candeia
 Na mão!
 E se tiver de voltar atrás
 (Por lhe não encontrar a intenção!...)
 Que volte!!!
 Pois bem melhor é do que perder-se no caminho
 ... Por tão intensamente... Implantados.

Há felizmente mais quem, como tu, se haja cansado de DOUTORES!. Melhor, da "doutorice" que invadiu o nosso país!

Sempre vociferei: "QUOD CONIMBRIGA ASINUS VENIT, ASINUS REVERTID!. Permito-me traduzir, para os não amantes do Latim: "Quem vem Burro para Coimbra, volta Burro!"

Só a guitarra não deixou contaminar-se por tanta "Ciendice". (Carranca: este termo é meu!)

A sua erudição ficou agarrada, com alma, ao seu corpo, todo coração. Só timidamente foi espreitar o de lá da Porta-Férrea: Mas escolheu, melhor, a porta do Poema. Não precisou de erudição, para ser erudita. Não estudou compassos para encontrar-se com o ritmo e com a melodia.

Guitarra, esse jeito ambivalente, que ora nos acompanhava na tristeza, como de imediato na alegria.

Guitarra, a cantar o Tempo e a Idade... a Verdade do Pão e do Vinho!

Ó Carranca, aprendeste, como eu já havia aprendido, o quanto devemos aos "Salatinas". Foram eles que nos abriram, tão de sereno, aquela vivência. Nada devem aos estudantes; nós é que ficámos a dever-lhes para sempre!

Aquela Alta, que nos foi destruída, estará sempre dentro dos nossos passos, pois levaremos sempre, connosco, esse choque na Alma!

E o que veio DEPOIS?? – Nem povo, nem fogueiras, nem cantigas... nem aquela tão quente SOLIDARIEDADE.

E julgo ter aqui, neste Tempo, cabimento, isto de José Gomes Ferreira:

Oh! Aquela emoção
 De me sentir sozinho
 No meio da multidão
 A ouvir o meu coração
 No peito do vizinho!
 Oh! Aquela solidão quente
 Como a solidariedade do vinho!

Ó C. Carranca, como enterneces essa tua guitarra... sem guitarra... Como lhe pões dentro, ritmo, rima e harmonia, já transformados pelas tuas mãos... em poesia. Poesia... que, por embevecida nas formas quentes da guitarra, nos traz, em contínuo, para dentro de nós: o Mondego, o Penedo... e até o tasco do Romão... onde Deus esteve lá... ou se perdeu de mim!

Coimbra é esse mito a fazer de todos nós essa contínua... mesma geração.

Estou assim a vê-lo ir buscar a guitarra, tão descansadinha em cima da minha cama, e a olhá-la como quem

busca uma amante... A agarrá-la pela cintura, a passar-lhe a mão pelo ventre liso; a encostar-lhe o peito nas suas costas límpidas e escorridas... e fazer ecoar a poesia. E tirar do âmago das palavras... uma sintaxe envolvente!

E voltado, já, do lado de lá onde o rio corre, sabe dizê-la... com a sua voz tonitruante a colocar mensagens de que tanto cuida.

Estou a vê-lo a subir, descompassadamente, à Alta, já esgotado o último eléctrico, ou porque não sobraram 7 tostões para o 1 do Museu ou da Universidade. Será que disse 7 tostões? Mas não discutiste o valor das propinas!?!...

Vejo-o, na R. dos Coutinhos, em serenatas, tardias, às moças do lar. (Até as freiras... se encantavam!).

E como filosofava, em horas já "espremidas", nos degraus da Sé Nova.

É que a poesia e a guitarra, que aqui traz, estão interiorizadas, num mesmo cadinho!...

Num só mesmo tempo... fora do tempo!

E ali se juntam o Tuna e o Godinho e o Camacho!; o Portugal, o Zeca, o Durval e o Torga; os Paredes, o Bettencourt e o Régio; o Toscano, o Pascoaes, o Anarolino, o Fernando Xavier... e os outros... infindáveis outros...

E deixem-me estar também a mim!

E, assim Coimbra é esta continuidade de gentes, de poetas, de guitarras, de mística, de cantores, e tanto mais!... Como foi possível dar à Nossa Alta aquela Morte, utilitária. Aquela Alta, única, no convívio entre futricas e estudantes.

Amistosidade que só aquecia, quando, na Arregaça ou em S.ta Cruz, a bola corria pelos seus rectângulos pelados de sem relva.

Tiro deste teu livro as fogueiras de que falas! Lembras-te do Cameirão!... e da sua "Cathedra" na direcção das fogueiras? Tudo em nós aquecia! E tudo isso havia que anular!

Aquele seu vozeirão e ritmo! Até as pedrinhas do chão tremiam.

E já no escurecer da noite, não sei se por mais longe esta, se por mais próxima a madrugada... quando o pudor das moças já as fizera "dar o fora", ele finalizava:

"Nesta terra não há putas!

E o nosso sintonizado Refrain!

"Há!... há!... há!....."

Ainda hoje não sei porque tanto amámos e amamos aquela cidade nossa que tu tão bem cantas!

Talvez por lá ter estado... e ficado... o melhor da nossa juventude!

Com a sua poesia, sobraçando uma guitarra que roubou a não sei que recanto da alma – o C. Carranca cantava. E nós sentimo-nos rebocados a ir para pertinho do Mondego, e lá deixamos no Parque ou no Choupal uma espécie de mágoa indefinida... saudável e pura!

Talvez... mesmo... alegre!

Bem Hajas,
meu caro Amigo!

Carlos Couceiro

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

...em 2004 (até Junho) foram:

Dr. Ilídio Gaspar Nascimento Costa, Sócio 1175;

Dr.ª Maria José Formosinho Oliveira Pinheiro de Almeida, Sócio 1176;

Eng. João Luís Matos Sousa, Sócio 1177;

Dr.ª Maria Cecília Fonseca Eloy de Sena Rego, Sócio 1178;

Dr.ª Maria Júlia Gonçalves de Oliveira Capelo, Sócio 1179;

Dr.ª Fernanda Rangel Correia, Sócio 1180;

Dr.ª Maria Olávia Palma Mendonça da Costa Rosa, Sócio 1181

e

Dr. Artur de Almeida Salgado Zenha, Sócio 1182.

A VOZ DA FILANTRÓPICA

OS NOSSOS CONVÍVIOS

Como actividades da Filantropia no 1º Semestre de 2004, cumpre salientar as seguintes iniciativas de carácter lúdico, para além das assistências e apoios aos nossos doentes:

FESTA DOS REIS

No dia 10 de Janeiro, realizou-se no Salão de Festas da Pastelaria S. João o "Chá dos Reis", num ambiente de grande cordialidade. Leilou-se o livro "História das Fortificações Portuguesas" que para o efeito nos tinha sido oferecido por um Sócio. Fez um concurso de quadras literárias sob o tema: "Os Reis Magos", tendo saído vencedor o *Duque de Paus* com as seguintes quadras:

*Neste nosso chá dos Reis
Senti tamanha alegria
Que me apeteceu (sabias?)
Dar vivas à Monarquia.
Só não o fiz, se calhar
Por ter pensado melhor
Que se zangava o Gaspar
O Baltazar e o Belchior.*

*E vai daí, num repente,
Republicano e gingão,
Julguei ser bem mais prudente
Dar vivas à Associação!*

E o "Duque de Paus" lá foi para casa com o prémio precioso – uma garrafa de um bom vinho do Porto, porque é Inverno e é preciso curar as constipações. Acabámos todos cantando canções populares coimbrãs do conhecimento geral, tarefa facilitada ainda pela distribuição das respectivas letras. A despedida foi alegre porque em breve nos encontraremos novamente.

Maria Olga



O Grupo Coral "Ad-Hoc" em actuação

ALMOÇO DA PÁSCOA

No dia 3 de Abril realizou-se o Almoço da Páscoa no IASFE, o qual reuniu um número muito elevado de presenças e que decorreu em ambiente de convívio muito agradável.

No fim da refeição servida que mereceu opinião muito favorável procedeu-se ao sorteio de uma obra literária que havia sido oferecida por um dos nossos Associados e que veio a beneficiar o nosso Colega João Maria Alves Rodrigues.

Deu-nos a satisfação da sua presença o nosso Colega Eng. Rato, que para o efeito, fizemos acompanhar desde o Lar em que se encontra domiciliado até ao seu retorno ao mesmo estabelecimento.

A tarde encerrou-se com a actuação do Grupo de Fados "Porta Férrea", muito apreciada e aplaudida.

O COFRE DA FILANTRÓPICA

Assim as últimas actividades, verifica-se que os fundos da Filantrópica são representados por:

Depósito à ordem	1.876,32 €
Depósito a prazo	2.763,74 €
Numerário	138 €
Total	4.778,06 €

Fazemos votos para que os tempos vindouros possam acrescentar os meios materiais que permitam um mais profícuo exercício das nossas actividades.

Braz dos Santos

IN MEMORIAM...

Deixaram-nos...

... no primeiro Semestre de 2004:

- ✦ Dr.^a Maria Luísa de Sousa Machado, Sócio 983
– em 6 de Janeiro;
- ✦ Dr. Abílio Sena Granado, Sócio 1142
– em 27 de Janeiro;
- ✦ Cor. José Bonito Perfeito, Sócio 456
– em 23 de Março
e
- ✦ Dr. Elísio Mendes F. de Melo Montargil, Sócio 168
– em 21 de Maio.

Que descansem em Paz.

MEDITANDO

A Magia de Coimbra Leonel Neves

Até há bem pouco tempo nunca prestara atenção a este nome. É que a canção de Coimbra tem vulgarmente o rosto de quem a canta e raras vezes dos músicos ou ainda menos dos poetas que as criaram. Quis a sorte que, num dos nossos convívios, quase ao terminar uma "Serenata Monumental", excelente mas um pouco dada à melancolia, o Colega Carranca desejasse fazer um apelo à Esperança. Cantou-nos então a canção que creio ser identificada por todos nós por um fragmento do estribilho:

"Quem tiver as mãos livres ou um assobio
Nem é preciso que saiba cantar".

No fim citou o nome do autor do poema dizendo que é um exemplo raro de alguém que sem ser de Coimbra ou lá ter estudado tem feito belíssimas poesias sobre a nossa Cidade.

Quando no fim do espectáculo entrámos em ameno convívio, aproximei-me de um dos cantores do "Porta Férrea" para lhe dizer quanto apreciara o modo como tinham cantado uma das canções coimbrãs que mais tocam a minha fibra de antiga estudante, porque põe nos dois pratos de balança o encantamento dos nossos anos áureos e o desencanto fatal que a idade nos traz, uma alegria sem nuvens cheia de ideais e o pântano pardacento dos que se apresentam já "sem sonhos, sem prece e sem rebeldia". O nosso Colega sorriu e informou-me que o poema era também de Leonel Neves. Como pode um estrangeiro à Academia sentir tão bem aquilo que nos diz respeito?

Passaram uns meses. Em Coimbra, o nosso Colega Augusto Camacho finalizou uma Serenata com a Balada do Penedo da Saudade que reza assim:

*"No Penedo da Saudade
Os que foram não se calam
No Penedo da Saudade
Pedras choram... pedras falam!"*

E não querem saber que o autor do poema é o mesmo Leonel Neves?!

Na minha cabeça começam a martelar outros já muito antigos versos:

*"Ó Coimbra, ó Coimbra,
Mas que mistério é o seu,
Chega a ter saudades dela
Quem nunca nela viveu!"*

Terá sido essa magia que inspirou aquele poeta?

Camacho Vieira explicou que foi numa visita à República da Loucura, que se deu a osmose.

A lei da causalidade e seus derivados explica que nas mesmas condições as mesmas causas produzem os mesmos efeitos. A lei aplica-se no campo frio da Ciência mas não à alma humana. Quantos teriam estado naquelas condições sem se terem deixado penetrar por aquela magia que nós tão bem conhecemos!

Mas só uma fina sensibilidade é capaz de entender e explicitar sentimentos e emoções tão particulares.

Não conheço Leonel Neves, mas daqui lhe envio um agradecimento muito sincero pelo que os seus poemas em nós despertam.

Maria Olga

NOTICIÁRIO

I - JANTARES MENSAIS

- DESPEDIDA-SURPRESA DA TONINHA -

Como todos sabem (e muitos apreciaram), a afanosa anfitriã destes jantares foi sempre a Maria Antónia Dionísio, que transportava para os arranjos das mesas, as marcações, as flores, a ementa, etc., etc., o infindável carinho pela Associação que há-de acompanhá-la pela vida fora – longamente, é o nosso desejo.

Por quatro vezes a Toninha escreveu ternas cartas de despedida da sua função de Vogal da Direcção, que esta não "lia", sabendo tratar-se apenas de motivos de saúde passageiros...

Mas a última, em Janeiro, englobava já o seu João Maria e a vontade de poder estar mais tempo junto dele – e, aí, "lemo-la" e fizemos-lhe uma despedida-surpresa no dia 6 de Fevereiro, convidando a filha, o genro e o neto Joãozinho e mimoseando-a com lembranças simples, mas expressivas da nossa gratidão pelo seu "operariado de 9 anos" (como dizia o João Maria).

E, perante os quase 100 convivas, ficou a promessa de que estes jantares continuariam a ser seus de coração, se e quando puder ajudar.

O Coral Ad-Hoc, que ela "regia" com vigor, dedicou-lhe também a sua actuação. Eis as imagens da comoção da Toninha e os versos que o Gustavo Cerdeira lhe leu:

*O telefone tocou.
Fui atender.
Do lado de lá da linha
Era a voz da Toninha
A pedir
Que, para este jantar;
Dissesse uma "coisinha".
A tal "coisinha" aqui vai.
O único valor
Que para mim possa ter
É que há sinceridade
Em tudo que vos vou ler.
"SETE ANOS DE PASTOR JACOB SERVIA...
Era o grande Camões que o dizia.
Mas, em vez de sete, foram nove,
Nove anos que a Toninha serviu
Com amor,
Com muita dedicação,
A Direcção
Da nossa Associação.
Os Jantares,
A Filantrópica
E o Ad-Hoc
Quando souberem
Que a Toninha
Os vai deixar
Vão sentir um grande choque
Na despedida
No momento da partida.
E será,
No momento da partida
Que a Toninha lhes dirá:
- Com saudades, PARTO...
vai ser um "PARTO COM DOR"
pois esta separação
faz doer o coração.
Mas...
Nada de dramatizar
Este partir;
Posso afirmar
Não significa
Que a Toninha
Nos vai deixar.
Ela irá continuar*

*A partilhar,
Com todos nós,
Da alegria
E da camaradagem
Que juntos vivemos
Nos jantares,
Nos passeios,
Na Tomada da Bastilha,
Nas Tertúlias,
Nas Conversas Quinzenais
E em outras coisas mais.
Uma ementa completa
Variada e excelente
Que satisfaz
O apetite
Mais exigente.
Por tudo isto
Há uma razão
Para felicitar
A nossa Direcção.
Voltando ainda à Toninha.
Pela sua educação,
Pelo seu fino trato
E pela forma de estar;
A Toninha
No dia a dia
Soube conquistar
O nosso afecto
E a nossa simpatia.
Agora, uma certeza
Que ninguém contesta:
Tudo na vida tem fim...
Passados, que são nove anos,
A Toninha,
Por sua livre vontade,
Viu chegada a hora exacta
De o adeus à Direcção
De onde vai sair
Com a satisfação
De quem soube cumprir
Tão delicada missão
Sai para descansar
E ter mais tempo livre
para se dedicar
ao João
seu "amor de perdição".
Oh, João, meu felizardo,
Bom amigo e companheiro,
Finalmente, pela Toninha,
Vais ser acarinhado
A tempo inteiro...
E para concluir:
Tal como a Toninha*

*Vou também pedir
Uma "coisinha"
Com um certo significado.
Aqui vai o recado:
É que lhe seja feita
Uma grande saudação
Pelo muito que fez
Enquanto serviu,
Não só a Direcção
Como tudo ligado à nossa Associação.
Para isso vou pedir
À nossa Presidente
Para que seja ela
A fazer à Toninha
Essa saudação
E que a faça já
Com a força da sua voz,
Acompanhada por nós
Num grande EFE-ERRE-Á*

Gustavo Cerdeira

Realizaram-se mais 2, como sempre no ambiente acolhedor da "Valenciana", com uma adesão entre 50 e 60 participantes, que se regozijam com o convívio e aplaudem, às vezes com generosidade, os improvisos de animação, mas apreciam as belíssimas serenatas no final.

Não faltam, claro, os habituais parabéns a todos os que fizeram anos nesse mês e o respectivo bolo que os aniversariantes presentes distribuem pelos Colegas, como se vê:



A Toninha e os outros membros da Direcção



O Coral Ad-Hoc em homenagem



Aniversariantes de Fevereiro



Aniversariantes de Junho (com o nosso saudoso Hugo Taborda)

II - FESTA DO CARNAVAL

Continuamos brincando ao Carnaval no Altis Park Hotel, começando por um delicioso *buffet*, seguido de bailação animadíssima (os anos não passam por nós...) até às 2h00 da madrugada, acalentados que foram os 91 foliões por um chocolate quente e bolos, a essa hora.

E como todos esperam, o bolo de aniversário carnavalesco fez "cair" os aniversariantes:



A Presidente oferece flores a 2 aniversariantes



Adivinhem quem é?



Animação



Os mais pacatos...

III - GRUPO CORAL AD-HOC

Agora gerido pelo nosso Vice-Presidente Alcindo Costa, continua exercitando todas as semanas na Sede e encantando com actuações nos jantares, recheado de novo repertório e às vezes de novos aderentes.

IV - BRIDGE

Os fanáticos deste jogo são constantes nas tardes de 6ª feira, chegando a formar 2 e 3 mesas, sem admitir quaisquer interrupções que distraiam a sua atenção...

V - ENCONTRO DOS "HOLANDESES/RENANOS" E DOS "ESCOCESES/ISLANDESES"

A exibição dos respectivos vídeos, o concurso de fotografias, o relembrar dos belos momentos vividos em conjunto e o aconchego de um lanche a gosto tornaram estes encontros apetecidos e de alegre convivência.

Eis o Júri e os Premiados dos primeiros; as fotos do 2º passeio que arrebataram todos os prémios são da autoria do Hugo...



Júri e Premiados

VI - COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- ❖ Acolhemos na nossa Sede, no dia 24 de Janeiro, o lançamento do livro "*O Povo do Nordeste – Vivências*" da autoria da nossa Sócia Amélia Ferreira Pinto, com prefácio e apresentação do Vice-Presidente da Direcção Alcindo Costa, ao qual se seguiu uma merenda à transmontana, oferecida pela UNEARTE (editora).
- ❖ A **A.A.E.C. em Braga** convidou-nos para o jantar de homenagem ao Prof. Doutor Fernando Rebelo (ex-Reitor da U. C.), que promoveu no dia 6 de Março.
- ❖ Fomos convidados pelo Colega Gonçalo Reis Torgal para a apresentação do seu livro "*Coimbra Boémia da Saudade*", no dia 8 de Março, por iniciativa da **Casa da Académica em Lisboa**.
- ❖ Estivemos representados no Espectáculo Conjunto, realizado no Teatro *Gil Vicente*, no dia 2 de Maio, em comemoração dos 115 anos da **Tuna Académica da U. C. (TAUC)** e dos 20 anos da **Associação dos Antigos Tunos da U. C. (AATUC)**.

❖ A **Casa dos Açores** deu-nos lugar de honra na Gala do 77º Aniversário da sua fundação, realizada no dia 26 de Março, com o habitual programa que a todos agrada sempre.

❖ A **Câmara Municipal de Oeiras** e a **Academia Cultural para a 3ª Idade**, presidida pela nossa Sócia Maria Emília Mesquita, convidaram-nos para a inauguração da exposição de trabalhos dos cerca de 350 alunos da Academia, enquadrando obras desde arraiolos, artes decorativas, encadernação, fotografia, pintura, estanhos, estilismo, etc., etc.

❖ O **Café Martinho da Arcada**, **Luís Machado** e **Rui Serôdio** promoveram, no dia 27 de Março, uma sessão de lançamento do CD de música e poesia *"Coimbra na Outra Margem da Lembrança"*, com apresentação a cargo do Prof. Doutor Veiga Simão e uma evocação coimbrã: Durval Moreirinhas (à viola), João Alvarez (à guitarra), Arménio Marques dos Santos (canto) e poemas por Luís Machado, sendo este, em síntese, o seu objectivo:

"Coimbra, cidade histórica de forte cunho cultural, que foi, durante quase um século, capital do reino, ainda continua a ser um dos lugares míticos de Portugal.

Este disco, bastante envolvido num sentimento de saudade, deverá ser entendido como uma singela homenagem a Coimbra e a todos aqueles que, com amor, dedicação, arte e engenho, ao longo dos tempos a souberam tão bem exaltar em trovas, poemas e melodias.

A edição desta obra, de difusão restrita, é dedicada a António Brojo e a António Portugal, extraordinários músicos que, tão empenhadamente, contribuíram com o seu virtuosismo, para a renovação da guitarra portuguesa. Naturalmente que seria injusto não alongar este tributo a Artur Paredes e Carlos Paredes também eles compositores e intérpretes destacados.

Evocar Coimbra, através da voz de Luís Machado, que se coloca no papel dos poetas, e da música de Rui Serôdio, é reviver a Universidade, visualizar o Mondego e captar a beleza das suas margens que tanto inspiraram poetas, músicos e pintores. No fundo, é também perpetuar na memória alguns lugares lendários frequentados por estudantes e tricanas numa romagem de magia às velhas ruas da Lusa Atenas.

"Coimbra, na Outra Margem da Lembrança" reúne um importante conjunto de poemas que revisitam a cidade e os seus lugares. De Camões a Manuel Alegre, quinze poetas propõem-nos um percurso repleto de sortilégios, ao longo de vários séculos de poesia. Ilustrando as palavras e criando climas, a música também aqui marca forte presença, confirmando, assim, que Coimbra ainda ganha mais encanto ao deixar-se abraçar pela música e pela poesia."

❖ A **Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra** e a **Queima das Fitas de 2004** convidaram-nos para as comemorações dos 35 anos do *17 de Abril de 1969*, data de uma crise marcante na vida académica da Universidade de Coimbra, com debates, jantar com Sarau, jogo de futebol, exposição fotográfica, lançamento de um álbum fotográfico, e, nas Escadas Monumentais, cinema ao ar livre e actuação de grupos de fados e tunas da A.A.C.

❖ A **A.A.E.C. do Alto Mondego** festejou o seu 5º aniversário e o "Dia do Antigo Estudante de Coimbra" em Gouveia, no dia 26 de Junho, com um programa composto de almoço serrano, visita guiada ao *Museu Abel Manta*, sarau com mensagens, lançamento da obra do Prof. Doutor Fernando Rebelo *"Reflexões Sobre a Vida Universitária"* e actuação do "Coro de Justiça do Porto", tendo a nossa Associação sido representada.

❖ A **Sociedade de Língua Portuguesa** homenageou, no dia 23 de Janeiro, o nosso Colega Carlos Carranca, sob o tema *"À Mesa com o Escritor Carlos Carranca"*, incluindo uma actuação deste em "Coimbra à Guitarra", acompanhado de outros convidados, tendo estado presentes muitos dos nossos Associados.

❖ O **Director do Instituto Português de Museus**, o **Embaixador de Espanha em Portugal** e o **Director do Museu do Chiado** convidaram-nos para a inauguração da Exposição Oteiza, no dia 29 de Janeiro.

❖ A **Associação dos Jardins Escolas João de Deus** e a **Câmara Municipal de Coimbra** requereram a nossa presença na abertura da Exposição *"Do Desenho à Escrita – Itinerários num Campo de Flores..."*, que teve lugar no dia 9 de Março, na Galeria da Casa Municipal da Cultura.

SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE ...

- No 1º semestre de 2004, a Biblioteca e o Arquivo da nossa Associação continuaram a usufruir da generosidade dos seus Sócios e Amigos. Foram eles:

Danilo Augusto Martins, Maria Amélia Ferreira Pinto, Pintor Mário Ayres de Oliveira, Darcília Salgado Zenha, Victor Hugo Salgado (Presidente da A.A.C.), António de Castro Pina, Maria do Céu Santos, Joaquim Couto (Revista "Egoísta" do Casino Estoril), António Moniz com a oferta de um quadro, Reitoria da Universidade de Coimbra ("Rua Larga").

Bem-hajam!

Deixamos aqui o pedido de indicarem sempre a identidade de quem oferece, para nos evitar o lapso involuntário, de não os nomearmos no nosso agradecimento.

- Estão à venda na Sede os vídeos e DVD das seguintes viagens:

- a Berlim / Hannover / Expo 2000;
- Passeio da Primavera 2002 a Salamanca e Viagem de Fim-de-Ano a Madrid;
- Viagem de Fim-de-Ano à Madeira / Pôr-do-Sol;
- Passeio de Verão a S. Petersburgo, Báltico, Finlândia, Lapónia e Cabo Norte;
- Império dos Incas (Perú – Bolívia);
- Viagem à Holanda e Cruzeiro no Reno;

- Estão à venda os CD's de:

- Coro dos Antigos Orfeonistas da Univ. de Coimbra "Vinte Anos ao Vivo – no CCB";
- "Poesia para Todos" de Carlos Carranca

Nota Final:

Ao tomar a iniciativa de relançar o "Capa & Batina", a Direcção confiou, naturalmente, na disponibilidade dos Sócios para relatarem o que viram e o que sentiram ao participar nos eventos que nele se registam; e também nos fotógrafos (amadores ou profissionais...) para enviarem as imagens mais elucidativas.

Só que, por cansaço ou ineptidão dos nossos apelos, essa disponibilidade é reduzida e poucas vezes espontânea – daí o inevitável atraso nas suas publicações...

Se gostas de lembrar tudo com pormenor no futuro, ajuda-nos nesta tarefa!

1 - Ainda temos Sócios com **Quotas** em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (as dos anos 1999, 2000, 2001, 2002 e 2003 perfazem 8.050 Euros...)
Quando estarão todas em dia? **Não podemos "viver" sem elas! E as despesas de funcionamento da nossa Associação tendem a aumentar!**

CAPA E BATINA

DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDIÇÃO: ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 5 -1º - 1000-046 LISBOA
TELEF.: 21849 41 97 FAX: 21 849 42 08 E-MAIL: aaecl@oninet.pt
PERIODICIDADE: SEMESTRAL TIRAGEM: 1 000 EXEMPLARES
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO